

**MARIANA BIFFI**

**NARRATIVAS DE JOVENS CASAIS SOBRE O  
PROJETO DE TER FILHOS NA  
CONTEMPORANEIDADE**

**PUC-CAMPINAS  
2014**

**MARIANA BIFFI**

**NARRATIVAS DE JOVENS CASAIS SOBRE O  
PROJETO DE TER FILHOS NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia como Profissão e Ciência da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato

**PUC-CAMPINAS  
2014**

Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

t155.645  
B591n      Biffi, Mariana.  
Narrativas de jovens casais sobre o projeto de ter filhos na contemporaneidade / Mariana Biffi. – Campinas: PUC-Campinas, 2014.  
136p.

Orientadora: Tânia Mara Marques Granato.  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui anexo e bibliografia.

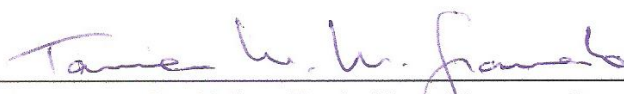
1. Casamento - Aspectos psicológicos. 2. Pessoas casadas. 3. Pais e filhos - Aspectos psicológicos. 4. Psicanálise. I. Granato, Tânia Mara Marques. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

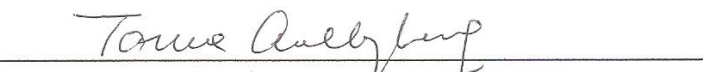
22. ed. CDD – t155.645


**MARIANA BIFFI**

**NARRATIVAS DE JOVENS CASAIS SOBRE O  
PROJETO DE TER FILHOS NA  
CONTEMPORANEIDADE**

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Presidente Prof.<sup>a</sup> Dra. Tania Mara Marques Granato

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Livre Docente Isabel Cristina Gomes

**PUC-CAMPINAS**

**2014**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe Eliana Pereira Saldanha Biffi, por estar sempre ao meu lado e me ensinar a acreditar em meus sonhos.

Ao meu pai Geraldo Valentim Biffi, pelo apoio e confiança em mais essa etapa da minha caminhada.

Ao meu companheiro Gustavo Carvalho Gomes de Abreu, meu amor, por todo carinho e cuidado na realização de mais esse projeto.

À minha orientadora, Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato pela acolhida, atenção e disponibilidade nessa jornada em que descobri novos caminhos.

Às examinadoras da minha banca de qualificação, Profa. Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida e Profa Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, pelas contribuições e impulsos para prosseguir na área da pesquisa.

Ao meu grupo de pesquisa, Michele Carmona Aching, Laís Lino Dester, Cleber José Aló de Moraes, Márcia Lepiani Angelini Miranda, Marina Autuori e Maria Salete Junqueira Lucas, por tornar cada momento mais leve e propiciar um espaço de crescimento mútuo.

Aos casais participantes, que compartilharam suas histórias e possibilitaram que esta pesquisa fosse realizada.

A toda equipe do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro que viabilizou a realização desta pesquisa.

## RESUMO

Biffi, M. (2014). *Narrativas de jovens casais sobre o projeto de ter filhos na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

A conjugalidade e a parentalidade tem sofrido grandes transformações na contemporaneidade, caracterizando-se como processos em transição que se articulam de modo a produzir novas expectativas conjugais, uma expressiva redução dos índices de natalidade, bem como o adiamento da decisão de ter filhos, em prol do desenvolvimento profissional. Torna-se, portanto, objetivo deste trabalho investigar os sentidos afetivo-emocionais atribuídos por jovens casais ao projeto de ter filhos na contemporaneidade. Foram realizadas entrevistas com sete casais, com idade entre 25 e 38 anos, que não tinham filhos. Como recurso metodológico, utilizamos uma Narrativa Interativa, história fictícia elaborada pela pesquisadora que convidou os participantes a conceber um desfecho para a trama apresentada. Os encontros foram registrados narrativamente de modo a contemplar tanto as associações dos participantes quanto as impressões pessoais da pesquisadora. O material narrativo reunido foi organizado em quatro campos de sentidos afetivo-emocionais que emergiram a partir da análise interpretativa, sendo discutidos à luz da teorização winnicottiana. O campo do **Momento certo** apresenta o contexto concebido como ideal para ter filhos; **Se vier, será bem-vindo** expressa o desfecho imaginado para uma gravidez que ocorre fora das circunstâncias idealizadas; **Um é pouco, dois é bom e três é demais** indica a dificuldade de conceber um espaço no relacionamento conjugal para a chegada de um filho e **Velhos pais, novos pais** que aponta para as contradições e dificuldades inerentes à tentativa de conciliação do modelo familiar tradicional com os ideais contemporâneos. O projeto de ter filhos parece se constituir na atualidade como fonte de angústia e ambivalência, sendo entrevistado pelos casais participantes como elemento perturbador da relação conjugal e do desenvolvimento pessoal e profissional.

**Palavras-chaves:** parentalidade; conjugalidade; Narrativa Interativa; psicanálise

## ABSTRACT

Biffi, M. (2014). *Narratives of young couples about the project of having children in the contemporaneity*. Master's Degree Dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

The conjugality and the parenthood have suffered major transformations in contemporaneity, characterizing themselves as transitioning processes that are interrelated to produce new marital expectations, a significant reduction in the birth rate as the postponement of the decision of having children, for the sake of professional development. It is, therefore, aim of this study to investigate the affective-emotional meanings assigned by young couples to the project of having children in contemporaneity. Interviews were conducted with seven couples, aged between 25 and 38 years, who had no children. As a methodological approach, we have used an Interactive Narrative, which is a fictional story developed by the researcher who later invited participants to design a denouement to the presented plot. The meetings were registered narratively in order to include both the participants' associations and personal impressions of the researcher. The collected narratives were organized into four fields of affective-emotional meanings that emerged from the interpretive analysis, and discussed in light of Winnicott's theorization. The field **Right Moment** shows the ideal context to have children; **If the baby comes, it will be welcome** expresses the imagined outcome to a pregnancy that occurs beyond the idealized circumstances; **Two is company, three is a crowd** points to the difficulty of to give room for the child in the marital relationship and **Old parents, new parents** points to the inherent contradictions and difficulties found in the attempt to conciliate the traditional family model with contemporary ideals. The project of having children today seems to be a source of anguish and ambivalence, that is considered by the participants not only as a disturbing element to the marital relationship but also to the personal and professional development.

**Key words:** parenthood; conjugality; Interactive Narrative; psychoanalysis

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	VI
<b>ABSTRACT</b> .....	VII
<b>1. O PROJETO DE TER FILHOS COMO TEMA DE PESQUISA</b> .....	9
<b>2. PROJETO DE TER FILHOS: REVISANDO A PRODUÇÃO CIENTÍFICA</b> .....	18
2.1 Caracterização geral dos estudos selecionados .....	20
2.2 Caracterização metodológica dos estudos empíricos .....	22
2.2.1 Estudos de delineamento quantitativo .....	23
2.2.2 Estudos de delineamento qualitativo .....	24
2.3 Síntese dos resultados .....	25
2.4 Considerações finais sobre a revisão de literatura .....	40
<b>3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS</b> .....	43
3.1 Considerações sobre o método psicanalítico .....	44
3.2 Apresentando os casais participantes e o contexto de pesquisa .....	46
3.3 Narrativa Interativa como recurso metodológico .....	47
3.4 Narrativa do Encontro como forma de registro .....	50
3.5 Campos de sentidos afetivo-emocionais: interpretação do material narrativo....	50
3.6 Cuidados éticos .....	51
<b>4. NARRATIVAS SOBRE O PROJETO DE TER FILHOS</b> .....	53
<b>5. CAMPOS DE SENTIDOS AFETIVO-EMOCIONAIS</b> .....	97
Momento certo .....	98
Se vier, será bem-vindo .....	103
Velhos pais, novos pais .....	106
Um é pouco, dois é bom e três é demais .....	112
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	119
<b>ANEXO</b> .....	127
<b>APÊNDICE</b> .....	129



## 1. O PROJETO DE TER FILHOS COMO TEMA DE PESQUISA

Constituído em meio ao movimento de urbanização e industrialização, o modelo familiar tradicional, segundo o qual o casamento estava atrelado ao desejo de ter filhos (Scavone, 2001), vem sendo desconstruído para dar origem a novas formas de conjugalidade e parentalidade. Nesse cenário marcado por grandes transformações sociais, o tema do projeto de ter filhos parece ter sido pouco explorado dentro do âmbito da pesquisa científica (Morison, 2013), resultando na escassez de literatura especializada (Rijken & Knijin, 2009).

Entretanto, a temática do projeto familiar volta ao debate atual, sobretudo nas sociedades ocidentais, devido ao constante declínio das taxas de fertilidade e o aumento da idade em que homens e mulheres têm seu primeiro filho, o que tem gerado implicações em diversos setores da sociedade. No que se refere ao contexto brasileiro encontramos um quadro semelhante, embora mais recente, em que observamos as mesmas tendências demográficas nas grandes áreas urbanas (IBGE, 2012).

Além da demografia, destacamos que a questão da escolha entre ter ou não ter filhos passou a ganhar destaque na mídia nos últimos anos, mediante diversas publicações que abordam o tema e procuram refletir acerca de suas transformações (Abdallah, 2011; Fonseca & Rodrigues, 2010; Lima, 2008; Moherdai, 2013; Sartori, 2014).

Salientamos que, a despeito da emergência de novas configurações familiares, o modelo da família nuclear persiste no imaginário social como ideal ao qual são associadas expectativas de estabilidade e segurança (Teperman, 2012). Nesse sentido, investigar as produções imaginativas de casais que ainda não definiram um projeto parental nos coloca em posição privilegiada

para apreciar as expectativas, fantasias, planos e sonhos que antecedem e fundamentam a decisão de ter ou não ter um filho, situando o presente estudo em termos de sua atualidade e relevância social. Todavia, antes que nos debrucemos sobre o tema do projeto de ter filhos na contemporaneidade julgamos necessária a retomada dos processos de constituição da família brasileira, atendendo aos objetivos desta seção.

Compreendemos que a composição da família brasileira, quando comparada à evolução da família europeia (Ariès, 1981; Roudinesco, 2003), traz como traço peculiar a pluralidade de arranjos familiares desde o seu início, além da determinação do tipo de arranjo conforme a camada social considerada (Costa, 2009).

Ao adotar o cenário europeu como referência, desconsiderando as peculiaridades do contexto brasileiro, incorremos no risco de reforçar uma compreensão colonialista (Maldonado-Torres, 2008) e, portanto, tendenciosa e equivocada de um panorama que se mostra diverso e multifacetado. Dessa forma, se a compreensão de tal processo implica em recorrer a tais autores, já que os colonizadores portugueses tiveram ativa participação na formação da família brasileira, também é verdade que superá-los, em busca daquilo que temos de próprio, agregará rigor à caracterização pretendida.

As considerações de Diniz e Coelho (2005) corroboram a compreensão por nós proposta, evidenciando a impossibilidade de representarmos a família brasileira a partir de modelos “importados”. Além disso, as autoras ressaltam a essencialidade da diversidade étnica e cultural que resulta das particularidades do processo de colonização em cada uma das regiões do país.

Assim, verificamos que a sociedade brasileira tem sido forjada a partir de diferentes modelos, originando-se da família patriarcal de origem ibérica, da família burguesa que emerge a partir da Proclamação da República, bem como das famílias indígenas e africanas que viviam em modelos familiares pouco conhecidos (Diniz & Coelho, 2005).

O Período Colonial nos brinda com um modelo particular de organização da vida familiar, sendo este introduzido pelos colonizadores e jesuítas que difundiam a ideia de uma família sacramentada pelo matrimônio, na qual os filhos deveriam ser educados seguindo os preceitos cristãos (Del Priore, 2013).

O processo de colonização interferiu ativamente no controle da organização familiar e da sexualidade. O casamento constituía uma instituição fundamental para transmissão do patrimônio, tendo sua origem baseada nas decisões familiares e não na escolha afetiva do cônjuge (Del Priore, 2006).

Segundo Del Priore (2013) o modelo patriarcal brasileiro constitui-se, portanto, a partir da tradição portuguesa e do processo de colonização agrária e escravista, resultando em um cenário em que uma grande família se reunia em torno de um chefe que impunha sua lei e sua ordem, reproduzindo nas relações íntimas, vividas entre marido e mulher, a mesma relação de poder estabelecida entre senhor e escravo.

No cenário conjugal, imperava a dicotomia homem ativo/mulher passiva, e era difundida a ideia de que o sexo representava o débito conjugal e, portanto, era obrigação recíproca entre os cônjuges. Entretanto, sua finalidade deveria ser a procriação, sendo que qualquer forma contraceptiva ou abortiva era condenada pela Igreja (Del Priore, 2006).

Vale ressaltar que esse modelo familiar pautado na procriação, herança e sucessão, conforme descrito por Diniz e Coelho (2005), referia-se à minoria da população brasileira, já que naquele momento a maior parte desta não tinha condições para se casar. Por esse motivo, é fundamental reafirmarmos que, apesar de ser considerado como modelo legítimo, o modelo familiar tradicional não se aplicava a todas as camadas sociais, conforme aponta Costa (2009).

Além disso, ao focalizarmos as peculiaridades desse momento histórico citadas por Del Priore (2013), defrontamo-nos com a situação das mestiças, mulatas e negras que consideravam o matrimônio como meio de proteção e sobrevivência diante das privações que viviam.

Já em relação à Idade Moderna, Del Priore (2006) sublinha a influência do Estado na vida privada, enfatizando a autoridade do marido e a iminência da Reforma Protestante e Católica, como pontos fundamentais. Como o receio durante esse período era a possibilidade de subversão do casamento, imperava a patologização do amor, sendo este considerado pela Igreja como pecado, e pela Medicina, doença. Tais preceitos garantiam que a conduta sexual do casamento se restringisse à procriação, sendo a concepção do relacionamento amoroso forjada a partir das normas proclamadas pela Igreja e pela Ciência.

A partir do final do século XIX, a concepção de casamento descrita acima entra em desuso, pois, em meio à urbanização da colônia, emerge o movimento higienista, impondo novas regras para o contrato conjugal e assinalando que o compromisso maior do casal deve ser com os filhos (Costa, 1999). Como consequência de tais pressupostos, o parceiro conjugal passa a ser escolhido visando à saúde dos filhos, já que esta dependia diretamente da

saúde dos pais. Dessa forma, práticas que proliferavam na vigência do modelo patriarcal, como uniões consanguíneas e entre cônjuges com idades não proporcionais, passam a ser condenadas.

Nesse período, a noção de privacidade começa a ganhar popularidade e tanto a Igreja quanto o Estado passam a promover a vinculação entre amor, sexualidade e procriação, contrariando o discurso anteriormente vigente (Costa,1999). Assim, observamos consolidar-se uma sociedade em que cabia à mulher e aos filhos a obediência ao chefe de família, pautando-se na fidelidade, paciência e obediência, enquanto o marido tinha como dever garantir a provisão alimentar e o respeito (Del Priore, 2013).

O amor higiênico, conforme denominado por Costa (1999), buscou transformar os valores patriarcais, enfatizando a importância da escolha afetiva e pessoal do cônjuge em detrimento dos interesses familiares. Além de procriar, tornava-se necessário o envolvimento na criação e educação dos filhos, o que conduziu à modificação dos papéis sociais masculino e feminino no espaço conjugal. À mulher se atribuía uma natureza intrinsecamente afetiva, caracterizada como passiva, submissa, meiga, devotada e amorosa, enquanto o perfil masculino era descrito pelo vigor físico e intelectual, enfatizando atributos como racionalidade, autoridade e altivez.

No século XX, em meio ao processo de industrialização, surgem novas formas de relacionamento entre homens e mulheres. A entrada da mulher no mercado de trabalho, a ascensão da classe média e a proliferação dos métodos contraceptivos produziram transformações na vida cotidiana e, consecutivamente, na dinâmica da vida emocional dos casais (Del Priore, 2006).

Como resultado de tais transformações, observamos na atualidade a consolidação de quatro fenômenos: o declínio da fertilidade, a elevação da idade média da maternidade, o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e a diversificação dos modos de vida feminina (Badinter, 2011). Embora esse quadro tenha sido inicialmente observado nos países desenvolvidos, hoje verificamos que tais processos também permeiam e interferem no cotidiano da família brasileira (Rios & Gomes, 2009a; Rios-Lima, 2012).

Cabe destacar que tais transformações se referem aos centros urbanos brasileiros e imperam predominantemente na classe média brasileira, enquanto nas camadas populares vislumbramos outras formas de organização (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Tal distinção se torna relevante ao considerarmos a caracterização dos casais participantes deste estudo.

Para apreender a dinâmica dos relacionamentos contemporâneos, recorreremos às reflexões sobre a “vida líquida”, proposta por Bauman (2007a), que expressam a volatilidade das organizações sociais que se dissolvem e se recompõem em uma rapidez difícil de ser assimilada pelos indivíduos.

Os valores do capitalismo imperam nesse modelo de vida que é orientada pelo consumo. Em um panorama cujos valores seguem critérios de novidade, variedade e velocidade, o que se almeja é usar e rapidamente descartar a fim de adquirir novos bens e fazer novos usos (Bauman, 2007b).

Transpondo tais valores consumistas para os relacionamentos afetivos, deparamo-nos com uma cena conjugal em que a relação se mantém enquanto for útil e prazerosa, provocando a fragmentação dos ideais de amor romântico, de acordo com os quais se almejava encontrar um amor eterno e único (Féres-

Carneiro, 1998). A metáfora do “amor líquido”, também descrita por Bauman (2004), auxilia na compreensão dos relacionamentos afetivos na medida em que enfatiza sua fragilidade e volatilidade, imperando o prazer passageiro, a satisfação instantânea e o produto pronto para consumo.

Consolida-se, assim, na sociedade contemporânea, um modelo de união em que predomina a relação igualitária entre os parceiros, a valorização do companheirismo no vínculo conjugal e a ausência de obrigação quanto à procriação (Merli, 2012). No entanto, as transformações observadas nas relações de gênero não promoveram a equivalência social pretendida, o que vem prolongar a convivência de valores novos e antigos (Oltrami, 2009).

Se o discurso social exalta a igualdade entre homens e mulheres, na prática ainda sobrevive a disparidade, pois, conforme indicam Barbosa e Rocha-Coutinho (2012), a sociedade brasileira vive um momento de transição, quando antigos papéis convivem com os novos, que começam a ser incorporados. No que se refere à divisão de tarefas, tal quadro tem gerado conflito nas relações, devido à falsa simetria e aos valores da sociedade atual que prioriza a satisfação pessoal (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011).

Conforme indicam Gomes e Paiva (2003), enquanto o homem se fragiliza perante uma sociedade competitiva e estressante, tendo dificuldade para desempenhar o papel de provedor, a mulher se defronta com dificuldades para conciliar a maternidade e a ascensão profissional.

De acordo com Féres-Carneiro (1998), o casal contemporâneo parece estar imerso no paradoxo que se estabelece entre o predomínio dos valores individualistas, que enfatizam a autonomia e o desenvolvimento individual dos

parceiros, e o discurso oposto, que enfatiza a importância de vivenciar a conjugalidade, de modo a desenvolver ideais e projetos em comum.

A conjugalidade contemporânea nos desafia a desconstruir o conceito de casamento, antes atrelado ao modelo de família nuclear, propondo uma concepção que privilegia a flexibilidade e a transformação, constituindo-se como um espaço de desenvolvimento interpessoal (Gomes & Paiva, 2003). Desse modo, como apontam Negreiros e Féres-Carneiro (2004), os casais contemporâneos convivem com a flexibilidade dos papéis masculino e feminino, estabelecendo múltiplos arranjos familiares de forma a abarcar a diversidade de tarefas e afetos que caracteriza o modo de vida contemporâneo (Merli, 2012).

Tomando como referência as reflexões propostas por Borges (2013), destacamos a desinstitucionalização de um projeto de vida pré-definido, que incluía casamento e filhos, e a institucionalização de um novo modelo que se apresenta hoje como mais personalizado e menos padronizado.

De acordo com Rocha-Coutinho (2003), a conciliação da carreira profissional com a vida pessoal e familiar pode se apresentar de forma conflituosa. A mulher parece estar dividida entre dois modelos: o da boa mãe, que coloca a família acima de qualquer outra atividade, e o da profissional que se mostra competente e independente, que faz escolhas, inclusive a de ter ou não filhos, compartilhando o espaço público e o privado com o homem.

Essas transformações no espaço conjugal e familiar introduzem no universo masculino as questões relacionadas a escolha de ter filhos (Gomes & Resende, 2004), antes restritas ao feminino. De acordo com as autoras, esse processo fragiliza a figura do pai que, diante das novas possibilidades no



âmbito reprodutivo, teme ocupar apenas o papel de reprodutor, comprometendo sua vinculação com o filho.

Assim, emerge a figura de um novo pai, que se propõe a ser mais presente e mais afetuoso, identificando-se com as demandas contemporâneas (Gomes & Resende, 2004), o que também reposiciona o homem na questão da escolha entre ser pai ou não, segundo Beltrame e Bottoli (2010).

Dentre as diversas transformações do cenário familiar no contexto contemporâneo observamos que conjugalidade e parentalidade se desarticulam, já que esta perde o caráter de objetivo último da união conjugal, reposicionando o projeto de ter filhos no âmbito da reflexão do casal.

## 2. PROJETO DE TER FILHOS: REVISANDO A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Esse capítulo apresenta o debate científico em que se insere este estudo sobre o projeto de ter filhos na parentalidade contemporânea. Para organizar a literatura consultada, elaboramos uma revisão integrativa ao compreender que esse método viabiliza a avaliação crítica e a síntese da temática abordada, possibilitando o acesso ao conhecimento produzido e o aprofundamento das questões abordadas (Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

Consideramos como fio condutor do nosso estudo bibliográfico compreender o modo como o projeto de ter filhos vem sendo abordado nos periódicos científicos nacionais e internacionais. A fim de atender a tal objetivo, realizamos as buscas nas bases SciELO Brasil, SciELO Regional, PePSIC, LILACS, PsycINFO e Academic Search Premier, a fim de garantir a abrangência de produções nacionais e internacionais.

Nas bases indexadoras, SciELO Brasil, SciELO Regional, LILACS e PePSIC, realizamos quatro buscas distintas, combinando as palavras-chaves “casamento” e “casal” com os descritores “filhos” e “parentalidade” (casamento “e” filhos; casamento “e” parentalidade; casal “e” filhos; casal “e” parentalidade).

Adotamos termos genéricos para essa busca ao constatar que a literatura nacional não conta com termos específicos para essa temática e por compreender que tal procedimento nos auxiliaria a ampliar o número de estudos encontrados, corroborando os resultados obtidos por Rios e Gomes (2009a) que, ao realizarem uma revisão sistemática acerca da opção por não

ter filhos, também se depararam com a ausência de descritores especializados na literatura nacional.

Nas bases PsycINFO e Academic Search Premier, realizamos duas buscas combinando o descritor “decision making” com as palavras-chaves “parenthood” e “childbearing”, o que permitiu vislumbrar que a literatura internacional conta com termos mais específicos.

Elegemos como critérios de inclusão que os artigos estivessem indexados, redigidos em português, espanhol ou inglês, tivessem sido publicados entre janeiro de 2009 e maio de 2014 e, por fim, que atendessem aos objetivos da revisão. Assim, foram privilegiadas publicações recentes, não sendo estabelecidas restrições no que se refere ao delineamento metodológico, abordagem teórica ou área do conhecimento em que o estudo foi desenvolvido, sendo incluídas publicações de diferentes áreas, como Psicologia, Antropologia, Economia e Enfermagem.

No que se refere aos critérios de exclusão, descartamos capítulos de livros, resenhas, dissertações e teses, bem como artigos que não tivessem como foco principal nosso objeto de estudo, ou que apenas o tangenciassem.

Após a realização das buscas, obtivemos o total de 372 publicações; entretanto, após unificarmos os resultados das pesquisas, excluindo artigos que estivessem repetidos, obtivemos um total de 234 publicações.

Realizamos a leitura dos títulos e resumos desses artigos e selecionamos aqueles que estavam em consonância com a nossa questão norteadora, ou seja, que se relacionassem ao projeto de ter filhos na contemporaneidade. Excluímos aqueles que se afastavam do tema ou que partiam de recortes muito específicos, como a decisão de ter filhos em

contextos de enfermidade, tais como câncer e HIV-aids, em relações homoafetivas ou ainda em casos de esterilidade.

Mediante tal procedimento, obtivemos um total de 23 artigos que abordavam a temática por nós investigada e, portanto, foram considerados o *corpus* desta revisão de literatura.

## 2.1 Caracterização geral dos estudos selecionados

Os artigos selecionados foram publicados em 20 periódicos distintos. As revistas *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *Journal of Reproductive and Infant Psychology* e *Population and Development Review* somam duas publicações cada, sendo que as demais apresentam um artigo (*Ethnology*, *Family Relations*, *Human Reproduction*, *International Journal of Men's Health*, *International Journal of Nursing Studies*, *Journal of Child and Family Studies*, *Journal of Family Issues*, *Journal of Personality*, *Journal of Population Economics*, *Online Brazilian of Nursing*, *Paidéia*, *Pensando Famílias*, *Psicologia Clínica*, *Psicologia em Estudo*, *Sex Roles*, *Tempo Psicanalítico* e *The Future of Children*).

Em relação à classificação dos periódicos a partir da área de conhecimento, observamos que metade dos mesmos são interdisciplinares, enquanto a outra metade refere-se a disciplinas específicas. Destacamos que, na literatura nacional, a maior parte dos artigos selecionados encontra-se em revistas da área da Psicologia, enquanto, no âmbito internacional, os artigos foram publicados em periódicos interdisciplinares.

Na Tabela 1, apresentamos as áreas do conhecimento, o número de periódicos que se encaixam nessa categoria e a quantidade de artigos encontrados.

**Tabela 1 Categorização dos periódicos segundo a área do conhecimento, quantidade de periódicos e artigos selecionados**

Área do Conhecimento	Quantidade de Periódicos	Quantidade de Artigos
Antropologia	1	1
Economia	1	1
Enfermagem	2	2
Interdisciplinares da área da saúde	5	6
Interdisciplinares que abrangem várias áreas do conhecimento	5	6
Psicologia	6	7

Quanto ao tipo de estudo, dos 23 artigos selecionados, 18 são empíricos, sendo que destes últimos 10 adotam o delineamento quantitativo e oito, o qualitativo. Quanto aos trabalhos não-empíricos, quatro apresentam uma revisão de literatura e apenas um é teórico.

O artigo de Nunes (2011) é o único estudo teórico que compõe esta revisão e desenvolve-se pautado no referencial psicanalítico, adotando a clássica questão freudiana “O que quer uma mulher?” como referência para desenvolver uma análise acerca dos impasses entre as escolhas e os desejos femininos que extrapolam o ideal materno.

Os artigos de revisão de literatura são quatro, sendo que dois atendem ao modelo de revisão integrativa (Cooke, Mills & Lavender, 2010; Rios & Gomes, 2009). Quanto à nacionalidade, dois são nacionais e os demais, internacionais, sendo um publicado nos Estados Unidos e outro no Reino Unido. Dois artigos (Cooke, Mills & Lavender, 2010; Travassos- Rodrigues & Féres-Carneiro, 2013) adotam a questão da maternidade tardia como referência, justificando a importância de investigação do tema pelo fato de que as mulheres têm tido seu primeiro filho cada vez mais tarde. Rios e Gomes (2009) investigam outra questão emergente na contemporaneidade, a decisão de não ter filhos, enquanto Furstenberg (2010) analisa as transformações na família ocidental e suas implicações para os jovens no processo de transição para a vida adulta.

No que se refere aos estudos empíricos, destacamos que foram desenvolvidos em diferentes países. Dentre os 18 artigos, encontramos quatro estudos realizados no Brasil, dois, na Alemanha, Austrália, Canadá, Portugal e Suécia e um em cada um dos seguintes países: África do Sul, Hungria, Inglaterra e Itália.

## **2.2 Caracterização metodológica dos estudos empíricos**

As considerações em relação às características metodológicas dos estudos serão apresentadas na sequência. Optamos por destacar os participantes, procedimentos de coleta e de registro, bem como o tratamento e análise dos dados, mantendo a distinção entre estudos de delineamento quantitativo e qualitativo a fim de facilitar a compreensão.

### 2.2.1 Estudos de delineamento quantitativo

Em metade dos estudos quantitativos foram utilizados dados de pesquisas populacionais (Hutteman, Bleidorn, Penke & Denissen, 2013; Iacovou & Tavares, 2011; Kaufman & Bernhardt, 2012; Öst, 2012; Testa, Cavalli & Rosina, 2014), sendo todos eles internacionais. Quanto aos participantes, homens e mulheres de diferentes faixas etárias participaram de três estudos (Iacovou & Tavares, 2011; Kaufman & Bernhardt, 2012; Öst, 2012), enquanto casais participaram dos outros dois (Hutteman, Bleidorn, Penke & Denissen, 2013; Testa, Cavalli & Rosina, 2014). Cabe ressaltar que Hutteman, Bleidorn, Penke e Denissen (2013) também adotaram diferentes escalas para avaliar personalidade, expectativas e intenções parentais dos participantes.

Os cinco artigos quantitativos restantes, ou seja, aqueles que não utilizaram dados de pesquisas populacionais, atenderam a objetivos diversos (Guedes, Pereira, Pires, Carvalho & Canavarro, 2013; Holton, Fisher & Rowe, 2009; Matias & Fontaine, 2013; Pinguart, Stotzka & Silbereisen, 2010; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011). Dois apresentaram o procedimento de validação de uma escala, investigando os motivos relacionados à escolha de ter ou não filhos, sendo que em ambos os estudos participaram homens e mulheres (Guedes, Pereira, Pires, Carvalho & Canavarro, 2013; Matias & Fontaine, 2013). Pinguart, Stotzka e Silbereisen (2010), bem como Roberts, Metcalfe, Jack e Tough (2011) adotaram questionários fechados como instrumentos, tendo como participantes homens e mulheres. Já o estudo de Holton, Fisher e Rowe (2009) utilizou uma escala para avaliar as atitudes em relação à maternidade, tendo participado apenas mulheres.

No que se refere ao procedimento de registro em estudos quantitativos, seus relatos não disponibilizam tal informação, uma vez que seus dados se produzem a partir dos próprios questionários e escalas. Em relação à análise dos dados, os procedimentos estatísticos foram adotados em todos os estudos selecionados.

### **2.2.2 Estudos de delineamento qualitativo**

No âmbito dos oito estudos qualitativos, a entrevista semidirigida foi o procedimento investigativo adotado em todos os trabalhos selecionados, sendo esse o único procedimento adotado para a produção do material empírico.

Em relação aos participantes, três estudos abordaram casais (Hollo & Bernardi, 2009; Sohne & Wendling, 2011; Rios & Gomes, 2009b), dois tiveram como participantes homens e mulheres (Borges & Magalhães, 2013; Morison, 2013), em outros dois participaram apenas homens (Gauthier & deMontigny, 2013; Thompson, Lee & Adams, 2013) e, finalmente, no estudo de Silva et al. (2013) participaram apenas mulheres.

O registro dos dados foi realizado através de gravações de áudio, com exceção do estudo elaborado por Morison (2013), o qual não especifica o procedimento adotado.

No que se refere à interpretação do material, todos os estudos realizaram a análise das produções narrativas dos participantes, partindo de referenciais teóricos distintos. A análise temática foi adotada em três trabalhos (Gauthier & deMontigny, 2013; Hollos & Bernardi, 2009; Thompson, Lee & Adams, 2013), sem maiores especificações. Sohne e Wending (2011) referem a análise de conteúdo de Bardin, enquanto Silva et al. (2013) fizeram uso da



análise de conteúdo de Minayo. Em um sexto artigo, foi utilizada a análise de discurso pautada na Sociologia Compreensiva de Kaufmann (Borges & Magalhães, 2013) e no sétimo estudo a categorização de tópicos emergentes (Rios & Gomes, 2009b). E, finalmente, Morison (2013) adotou o método discursivo narrativo de Taylor e Littleton para realizar a análise do material produzido pelos participantes.

### **2.3 Síntese dos resultados**

Os resultados desta revisão serão apresentados de acordo com os países em que foram desenvolvidos, como opção didática que visa elucidar tanto especificidades quanto similaridades entre os estudos. No Apêndice A, uma tabela-resumo detalhará os principais dados de cada um dos artigos que compõem a revisão de literatura que ora apresentamos sob a forma de relato.

Iniciamos a apresentação tomando como referência o trabalho de Furstenberg (2010), que examina as transformações pelas quais passa a família ocidental, especificamente a norte-americana, e suas implicações para os jovens no que se refere à transição para a vida adulta. O autor evidencia, ao revisar pesquisas sobre os jovens e suas famílias, que o processo de transição para a vida adulta se tornou mais prolongado e não segue uma ordem previsível e pré-determinada como outrora. Nesse contexto, sublinha que a possibilidade de escolha representa uma dimensão importante na vida do jovem, o que redimensiona os espaços ocupados pelo desenvolvimento profissional, casamento e filhos.

Além dessa flexibilização, Furstenberg (2010) destaca que, ao se depararem com as exigências da sociedade contemporânea quanto ao seu

desenvolvimento educacional e profissional, os jovens se preocupam com os custos envolvidos na escolha de ter filhos. Outro fator apontado, que participa da escolha do jovem, refere-se às novas exigências atribuídas ao papel paterno, já que hoje os pais são convidados a participar mais ativamente da criação dos filhos. Entretanto, afirma o autor que apesar da redução das diferenças entre os papéis sociais masculino e feminino no contexto norte-americano, a diferença entre as classes econômicas aumentou, o que faz com as vivências dos jovens das classes mais e menos favorecidas sejam distintas.

Considerando as transformações sociais subjacentes ao processo de constituição de uma família, Morison (2013) reconhece a necessidade de se investigar a decisão de ter ou não ter filhos do ponto de vista de casais heterossexuais, uma vez que o predomínio de crenças heteronormativas, nas quais a parentalidade é considerada etapa natural, delega a esse grupo certa invisibilidade no âmbito da pesquisa científica. Além disso, o autor destaca a importância da participação dos homens em pesquisas que abordam o tema da escolha de ser pai.

Em seu estudo realizado na África do Sul, Morison (2013) entrevistou dois grupos de participantes. O primeiro era composto por jovens que não tinham filhos, e foram convidados a refletir sobre seus planos para a parentalidade futura, enquanto o segundo grupo era constituído por homens e mulheres que já tinham filhos e foram solicitados a falar da experiência de se tornar pais. Os resultados demonstraram que abordar a questão da parentalidade como escolha gerou estranheza nos participantes, pois era comum que concebessem a parentalidade como inevitável. A decisão de ter filhos era vista como sinal de amor do casal e, além disso, como etapa do ciclo

familiar, concepção sustentada pelos participantes por meio de explicações que naturalizavam a parentalidade.

Os achados de Morison (2013) apontam para a relevância de estudos na área da parentalidade que ampliem a reflexão sobre as expectativas sociais e pessoais que permeiam a decisão de ter filhos. Encontramos dois estudos desenvolvidos no Canadá que, alinhados com o de Morison, assinalam a importância da inclusão da visão masculina nos estudos, descentralizando-os da figura feminina (Gauthier & deMontigny, 2013; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011).

Roberts, Metcalfe, Jack e Tough (2011) descreveram os fatores que influenciam a intenção de ser pai, de acordo com quatro faixas etárias distintas. Os participantes foram divididos em quatro grupos (20-24; 25-29; 30-34 e 35-45 anos) e responderam, via telefone, a um questionário composto por 17 questões fechadas. Observou-se que a maior parte dos homens (86%) planejava ter filhos, sendo que a maioria indicou que a idade ideal para tornar-se pai seria após os 30 anos. Foram identificados quatro fatores comuns a todos os participantes, no que se refere à tomada de decisão de ter filhos: a segurança financeira, o interesse da parceira e o seu próprio em ter filhos e a adequação do participante para ser pai. Os fatores relacionados a questões biológicas foram enfatizados pelo grupo composto pelos homens mais velhos.

A pesquisa realizada por Gauthier & deMontigny (2013) apresentou objetivo semelhante e buscou descrever os elementos que contribuem para a escolha masculina de tornar-se pai. Participaram 12 homens, pais pela primeira vez, que responderam a uma entrevista semiestruturada. Foram identificadas quatro categorias principais que influenciam nesse processo: características

pessoais, que se referem ao desejo de ter filhos e formar uma família; interpessoais, que remetem às influências do parceiro e do contexto social; socioeconômicas, que se relacionam à estabilidade profissional e aquisição da casa própria e, finalmente, características temporais, que aludem às questões biológicas e à maturidade pessoal. As autoras destacaram a importância de conhecer tais fatores na promoção do suporte adequado durante a transição para a paternidade, além de compará-los à vivência feminina, a fim de conhecer as similaridades e contradições envolvidas na experiência de ambos.

Identificando a relevância do desenvolvimento de pesquisas que abordem a ótica masculina, Thompson, Lee e Adams (2013) investigaram o significado de tornar-se pai para jovens universitários do sexo masculino no contexto australiano. Estes participaram de entrevistas semiestruturadas e foram convidados a falar sobre as expectativas relacionadas ao desenvolvimento profissional e familiar. Os resultados indicaram que o início da vida adulta é considerado pelos participantes como um momento de preparação, em que os mesmos podem se desenvolver profissionalmente e alcançar a estabilidade financeira, bem como realizar atividades de lazer, que são consideradas dissonantes com a vida familiar.

Em sintonia com os achados de Roberts, Metcalfe, Jack e Tough (2011), os jovens universitários que participaram do estudo de Thompson, Lee e Adams (2013) também descreveram um conjunto de elementos que consideram importantes para a decisão de ter filhos, como estabilidade financeira, maturidade pessoal e relacionamento estável. Segundo os autores, tais exigências sinalizam a existência de um conflito entre ter filhos na idade

certa ou nas condições certas, já que os requisitos para alcançar as condições certas exigem um longo tempo de preparação.

Outro conflito enunciado pelos participantes do estudo de Thompson, Lee e Adams (2013) refere-se ao modelo de paternidade a ser adotado. Embora prevaleça a visão tradicional do pai como provedor financeiro, também é referido o ideal contemporâneo que propõe pais mais participativos que estejam envolvidos na criação dos filhos; entretanto, a articulação desses dois modelos se dá de forma conflituosa quando os participantes imaginam formas de conciliar trabalho e família.

Ainda no contexto australiano, encontramos o trabalho de Holton, Fisher e Rowe (2009), que investigaram a relação entre as atitudes das mulheres em relação à maternidade e número de filhos que têm. Partindo do debate público sobre a prosperidade futura de seu país, em termos dos baixos níveis de fertilidade, as autoras optaram por investigar as concepções de mulheres de 30-34 anos, ao considerar que nessa faixa etária situam-se os índices mais baixos de fertilidade, além de ser a época em que a decisão acerca de ter filhos é usualmente tomada. As participantes responderam um questionário fechado e os resultados indicaram que mulheres com emprego e com maior escolaridade consideram a maternidade como um dos aspectos de suas vidas, enquanto mulheres que seguem alguma doutrina religiosa tendem a ter posturas mais tradicionais, ocupando a maternidade um lugar central.

Além disso, a hipótese de que mulheres que já eram mães teriam atitudes mais tradicionais do que mulheres sem filhos não foi comprovada pelo estudo de Holton, Fisher e Rowe (2009). As autoras concluem que uma ampla

gama de elementos compõe o contexto australiano de baixa fertilidade, extrapolando as questões financeiras e educacionais.

Como grande parte dos estudos selecionados refere-se a pesquisas realizadas no cenário europeu, seus achados se justificam pelo fato de que os fenômenos relacionados à redução da taxa da fertilidade e adiamento da parentalidade são mais antigos na Europa e, por esse motivo, vêm sendo investigados com maior frequência no âmbito da pesquisa europeia (Cooke, Mills & Lavender, 2010; Guedes et al., 2013; Hollos & Bernardi, 2009; Hutteman, Bleidorn, Penke & Denissen, 2013; Iacovou & Tavares, 2011; Kaufman & Bernhardt, 2012; Matias & Fontaine, 2013; Öst, 2012; Pinguart, Stotzka & Silbereisen, 2010; Testa, Cavalli & Rosina, 2014). Dentre essas pesquisas, duas foram realizadas na Alemanha e evidenciam a redução da taxa de fertilidade existente no país, bem como os esforços governamentais para criar políticas para facilitar aos casais terem filhos (Hutteman, Bleidorn, Penke & Denissen, 2013; Pinguart, Stotzka & Silbereisen, 2010).

Hutteman, Bleidorn, Penke e Denissen (2013) investigaram a associação entre a personalidade dos parceiros e sua intenção de ter filhos; para isso, utilizaram os dados do estudo longitudinal alemão Panel Analysis of Intimate Relationships and Family Dynamics (PAIRFAM), associados a medidas psicométricas para avaliar a personalidade, expectativas e intenções parentais. Participaram do estudo casais biologicamente capazes de ter filhos, que foram entrevistados em duas ocasiões, com um intervalo de um ano entre elas.

Em relação à personalidade, autoestima e timidez não se configuraram como preditores significativamente associados à intenção de ter filhos; entretanto, a agressividade do homem configurou-se como elemento

significativo, sendo observada uma menor probabilidade de esses casais terem filhos no período da pesquisa. Em relação às expectativas parentais, as expectativas positivas não apresentaram nenhuma relação significativa com o aumento da intenção de se tornar pai; entretanto, as negativas correlacionaram-se negativamente, ou seja, reduziram tais intenções. Além disso, a intenção do casal mostra-se relevante, no que se refere ao planejamento do primeiro filho, enquanto, a partir do segundo filho, as intenções da mulher consolidam-se como fator decisivo.

Ainda no contexto alemão, Pinquart, Stotzka e Silbereisen (2010) avaliaram a ambivalência de jovens adultos (25-30 anos), no que se refere ao conflito entre ter ou não ter filhos, fazendo uso de um questionário fechado. Os dados revelaram que a minoria da população estudada pareceu se mostrar ambivalente em relação a tal temática; entretanto, verificou-se que as mulheres tendem a ser mais ambivalentes do que os homens e que estes almejam ter mais filhos do que as mulheres. O estudo verificou ainda a prevalência da ambivalência quando o conflito entre a parentalidade e outros objetivos a serem alcançados é influenciado pelo alto custo financeiro envolvido e pela indecisão de um dos parceiros.

Localizamos um estudo italiano realizado por Testa, Cavalli e Rosina (2014) sinalizando que, além da baixa taxa de fertilidade, a dificuldade de conciliar trabalho e família e o uso limitado de métodos contraceptivos modernos são características desse país. Os autores se baseiam nos dados do estudo demográfico *Household Survey on Family and Social Subjects*, desenvolvido pelo Instituto Nacional Italiano de Estatística entre 2003 e 2007,

para investigar a concordância do casal, no que se refere à tomada de decisões acerca da fertilidade, além dos efeitos da divergência de opiniões.

Os achados indicaram que não parece existir uma igualdade de poder na tomada de decisão, isso porque o parceiro que pretende ter filhos parece exercer maior influência sobre o outro. Além disso, não se confirmou a hipótese de que as mulheres atuem predominantemente sobre tal questão, uma vez que a parentalidade tem implicações para ambos, o que torna necessário o acordo entre os parceiros.

Foram incluídos nesta revisão dois estudos suecos (Kaufman & Bernhardt, 2012; Öst, 2012), ambos utilizando dados de pesquisas demográficas para compor sua amostra

Considerando que a Suécia é um país em que as políticas públicas enfatizam a igualdade de gênero e viabilizam a relação entre trabalho e responsabilidades familiares, Kaufman e Bernhardt (2012) analisaram as relações entre a cultura do trabalho e os planos para a fertilidade. A partir dos dados do *Swedish Young Adult Panel Study* (YAPS), foram considerados jovens adultos que não tinham filhos e mantinham um relacionamento heterossexual em que ambos trabalhavam. Os resultados indicaram tanto a influência das próprias condições de trabalho quanto as de seu parceiro nos planos de fertilidade dos participantes. Os homens com empregos que viabilizam licença paternidade, bem como o trabalho em tempo parcial, têm maior intenção de ter filhos, assim como as mulheres que têm maridos em empregos bem remunerados. Tais conclusões são relevantes no que se refere à elaboração de políticas públicas que podem incentivar o aumento da taxa de natalidade.



O estudo elaborado por Öst (2012) abordou questões econômicas a fim de compreender a conexão entre o processo de tornar-se pai e a aquisição da casa própria. A partir dos dados do *Swedish Housing and Labor Market Career Cohort Study* (HOLK), foram compostos três grupos de participantes, conforme o ano de seu nascimento: 1956, 1964 ou 1974. A análise dos dados evidenciou uma correlação significativa entre os dois eventos, sendo que os dois grupos mais jovens consideravam fundamental ter uma casa própria antes de optar por ter filhos, assim como gozar de estabilidade financeira. Os nascidos em 1956 não apresentaram tal correlação e mostraram um perfil diferente dos demais grupos, provavelmente devido às características mais favoráveis vividas em sua juventude. Tais considerações sugerem que a dificuldade de acesso à casa própria pode conduzir ao adiamento da parentalidade, o que sinaliza a importância da promoção de políticas de habitação, se o que se objetiva é o crescimento populacional.

Em relação ao adiamento da maternidade, podemos citar a revisão sistemática de literatura conduzida no Reino Unido por Cooke, Mills e Lavender (2010) a partir de artigos qualitativos nacionais e internacionais publicados entre os anos de 1980 e 2009. A síntese dos resultados indicou que tanto a educação quanto o desenvolvimento profissional influenciam a decisão das mulheres quanto a ter filhos. Fatores como a escolha do parceiro certo, sentir-se pronta para ser mãe e segurança financeira foram considerados importantes para a opção por filhos. As evidências sugerem um descompasso entre o projeto de ter filhos e as questões biológicas, as quais são usualmente negligenciadas pelas mulheres no que se refere aos limites que impõem à concepção. Tal escolha que aparenta ser informada, mas revela-se

desinformada, justifica a proposição de ações profiláticas no que se refere à opção pela gravidez tardia.

Em outro estudo britânico, Iacovou e Tavares (2011) examinaram transformações nas expectativas de fertilidade entre os anos de 1997 e 2007, a partir de 10.000 participantes do *British Household Panel Survey* (BHPS), entre os anos de 1991 e 2007, devido à discrepância existente entre a taxa de fertilidade pretendida e a alcançada.

A análise desse conjunto de dados indica que existe um período em que as pessoas tomam decisões relacionadas à fertilidade, sendo este o momento em que têm a maior parte dos filhos. Entretanto, esse período mostrou-se mais estreito do que o definido pelas condições biológicas, sendo que os indivíduos estão mais propensos a rever suas expectativas em relação à fertilidade somente ao final desse período decisório. Verificou-se também que os indivíduos consideram os planos de seu companheiro em relação à fertilidade quando se propõe a rever seus próprios planos. A experiência de ter filhos também tem sua influência nos planos futuros, sobretudo se a parentalidade configurar-se como experiência positiva.

No cenário húngaro, encontramos o trabalho de Hollos e Bernardi (2009), que apresenta a peculiaridade de investigar o projeto de ter filhos no regime pós-socialista. Foram realizadas entrevistas com 19 casais com idade entre 20 e 42 anos, sendo que 14 deles não tinham filhos. Os participantes que não eram pais afirmaram, em sua maioria, que desejavam ter filhos, enquanto os que já eram pais aludiam à felicidade de ter filhos, embora tal decisão não tivesse sido planejada.

Similarmente aos trabalhos citados anteriormente, o estudo de Holos e Bernardi (2009) elenca os critérios pelos quais seus participantes decidiriam ter filhos: renda estável e segurança financeira, um bom relacionamento com o parceiro, o estabelecimento de uma parceria estável e o acesso a creches. Embora a satisfação de todas essas condições conduza à parentalidade tardia, parece persistir uma despreocupação em relação às questões biológicas, em consonância com os resultados de Cooke, Mills e Lavender (2010).

Dois estudos portugueses (Matias & Fontaine, 2013; Guedes et al., 2013) apresentaram instrumentos psicométricos para a avaliação dos motivos relacionados à escolha de ter ou não filhos. Matias e Fontaine (2013) elaboraram a Escala de Motivos Face à Parentalidade, instrumento composto por 30 itens na língua portuguesa. Na subescala composta pelas razões para ter filhos, destacam-se as questões emocionais relacionadas à possibilidade de troca de afetos, ao desenvolvimento pessoal e à obtenção de reconhecimento através dos filhos. Já em relação aos motivos para não ter, evidencia-se a transformação no estilo de vida contemporâneo e as dificuldades tanto na educação da criança quanto no relacionamento conjugal.

Já o instrumento proposto por Guedes et al. (2013), denominado *Childbearing Motivations Scale* (CMS), apresenta 47 itens divididos em duas subescalas, uma com motivos positivos e outra, negativos. Os positivos se distribuem em quatro dimensões: os aspectos socioeconômicos que se relacionam ao reconhecimento social envolvido na parentalidade, a realização pessoal, a continuidade que expressa a ideia de transmitir um legado e, por fim, o relacionamento do casal que pode fortalecer-se mediante a opção por ter filhos. Já a motivação para não ter filhos se organiza em torno de cinco fatores:

a parentalidade responsável que envolve as responsabilidades envolvidas no exercício parental, as preocupações sociais que conotam uma visão de mundo pessimista, o estresse no relacionamento, os problemas financeiros, e o sofrimento físico e emocional associados ao período gestacional.

Ambos os trabalhos (Guedes et al., 2013; Matias & Fontaine, 2013) enfatizaram a importância de compreender os padrões de fertilidade contemporâneos, tendo em vista a elaboração de políticas familiares e intervenções psicossociais, inclusive preventivas.

No cenário nacional, foram encontrados sete artigos, sendo três referentes ao projeto de ter filhos (Borges & Magalhães, 2013; Nunes, 2011; Silva et al., 2013), enquanto outros três abordam a escolha de casais sem filhos por opção (Rios & Gomes, 2009a; Rios & Gomes, 2009b; Sohne & Wendling, 2011) e um explora a temática da maternidade tardia (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

A atual flexibilização no projeto de vida dos jovens é apontada por Borges e Magalhães (2013), a partir do discurso de homens e mulheres de duas gerações de brasileiros. Jovens e idosos se depararam com a emergência do conceito de família centrada no projeto de ter filhos e não mais no casamento. Os discursos feminino e masculino mostraram-se muito semelhantes na primeira geração estudada, cujo foco recai sobre o desenvolvimento profissional e a independência financeira, diferentemente do que foi exposto pelos participantes mais velhos, que enfatizaram a dicotomia mulher-mãe, de um lado, e pai-provedor do outro. As autoras destacam a ausência de padrões nos modos de vida contemporâneos, além da

desconstrução do antigo modelo familiar que se pautava pela hegemonia do casamento.

Nesse panorama em que o projeto de ter filhos adquire novos contornos, o trabalho teórico de Nunes (2011) parte do questionamento freudiano “O que quer uma mulher?” para investigar, por meio de uma leitura psicanaliticamente orientada, os impasses vividos pelas mulheres ao se defrontarem com possibilidades de escolha plurais. Partindo do pressuposto de que a maternidade se constrói socialmente, a autora sinaliza a emergência de um novo ideal, o da “mulher contemporânea”, que enfatiza a importância do desenvolvimento profissional aliado à maternidade. A autora reconhece que tal ideal traz novas exigências à mulher e pode atuar como produtor de culpa ao propor um modelo que desconsidera os desejos pessoais de cada mulher, o que aponta para novos conflitos femininos que possam estar na base do mal estar contemporâneo que parece se expressar através do pânico, angústias e depressões que derivam-se dos conflitos relacionados à maternidade.

Já o estudo qualitativo de Silva et al. (2013) descreve como mulheres com idade entre 25 e 45 anos, usuárias de uma Unidade Básica de Saúde, e que já são mães, percebem a participação do companheiro no planejamento familiar. A partir das entrevistas realizadas, duas categorias foram identificadas, sendo que a primeira se refere ao acordo entre os parceiros sobre o melhor momento para ter filhos, condição definida como essencial e orientada principalmente por questões financeiras, relacionadas ao conforto da família e educação dos filhos. A segunda categoria se refere à responsabilização da mulher pela contracepção, cujos métodos usuais são os anticoncepcionais hormonais e injetáveis. Outra conclusão do estudo diz respeito à escassa

participação do homem no âmbito da assistência sexual e reprodutiva no Brasil, o que indica a necessidade de que os profissionais da saúde passem a considerar o casal, e não apenas a mulher, como a unidade de cuidado.

Dois trabalhos empíricos (Rios & Gomes, 2009a; Sohne & Wendling, 2011) e um de revisão (Rios & Gomes, 2009b) investigam a opção conjugal de não ter filhos. Neste último, Rios e Gomes (2009b) realizam um levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais, entre os anos de 1999 e 2009, sobre a escolha de não ter filhos. As autoras referem que o aspecto fundamental do material selecionado alude à possibilidade de escolha, uma opção recente.

O estudo de Rios e Gomes (2009b) também salienta a dimensão política da comunicação científica ao viabilizar a compreensão do contexto para a posterior elaboração de políticas públicas. Outro achado importante refere-se à tendência dos estudos quantitativos de associar tal escolha ao aumento da satisfação conjugal e pessoal, enquanto os estudos qualitativos focalizam os conflitos e ambiguidades que permeiam tal escolha. E, finalmente, as autoras concluem que a escassez de trabalhos nacionais, em comparação com os cenários europeus e norte-americanos, se deve ao fato de que nesses continentes o movimento feminista e a redução da fertilidade são fenômenos observados há mais tempo.

A pesquisa de Rios e Gomes (2009a) aborda o preconceito, a estigmatização e a pressão social sofridos por casais sem filhos por opção. Para isso, entrevistaram quatro casais com idade superior a 35 anos. Os casais participantes apresentaram um perfil específico do cenário contemporâneo, sendo que ambos os parceiros buscavam o desenvolvimento profissional,

dividiam as tarefas domésticas e buscavam satisfação afetiva na relação com o parceiro. As autoras sugerem que o modo com que cada casal lida com a questão relaciona-se com o nível de ambivalência e conflito durante o processo de escolha de não ter filhos. Além disso, ressaltam que o fato da convivência com os diversos arranjos familiares ainda ser recente no cenário brasileiro pode gerar conflitos e mal-estar.

Sohne e Wendling (2011) entrevistaram três casais com idade entre 35 e 41 anos para abordar os significados construídos em torno da noção de família. Os casais assinalaram que filhos não são mais uma prioridade, enquanto que crescimento profissional, lazer e estabilidade financeira configuram-se como prioridades contemporâneas. Em relação à concepção de família, parte dos casais reconhecem que são uma família por estarem juntos, enquanto outros avaliam a necessidade de filhos para que um casal possa ser reconhecido como família. Além disso, os casais referiram as cobranças sociais que sofrem para que tenham filhos ou acerca de quem irá cuidar dos mesmos na velhice, em consonância com os achados de Rios e Gomes (2009a).

Finalmente, Travassos-Rodriguez e Féres-Carneiro (2013) propõem uma revisão de literatura acerca dos conceitos de ambivalência e maternidade tardia, buscando possíveis relações entre esses temas. As autoras sinalizam a impossibilidade de expressão da ambivalência envolvida na experiência materna na sociedade contemporânea, devido à prevalência dos ideais de mãe e profissional vigentes. Tal ambivalência mostra-se mais intensa no contexto de maternidade tardia, devido à aparente dificuldade em conciliar o novo papel a ser desenvolvido com funções já estruturadas. As autoras indicam a relevância do estabelecimento de ações psicoprofiláticas no enfrentamento das pressões

culturais envolvidas nesse processo, bem como das altas expectativas de casais que se tornam pais tardiamente.

## **2.4 Considerações finais sobre a revisão de literatura**

O quadro geral dos estudos que compõem esta revisão de literatura revela que a temática do projeto de ter filhos tem ganhado destaque devido à redução das taxas de natalidade e o adiamento da parentalidade nas sociedades ocidentais, o que traz implicações no âmbito da saúde física e mental, além das repercussões sociais, políticas e econômicas. Como apontam Rios e Gomes (2009b), a maior produção científica internacional nessa área se deve provavelmente ao fato da Europa, bem como a Austrália e o Canadá, estarem vivendo as novas configurações conjugais e familiares há mais tempo que o Brasil.

No conjunto de artigos analisados, verificamos que exclusivamente as publicações internacionais (Furstenberg Junior, 2010; Hutteman, Bleidorn, Penke & Denissen, 2013; Kaufman & Bernhardt, 2012; Öst, 2012; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011) manifestam a intenção de que seus resultados revertam para o desenvolvimento de políticas públicas, ao investigarem os aspectos que podem influenciar o processo de escolha dos casais quanto a ter filhos.

Outro elemento comum a diversos estudos refere-se ao conjunto de pré-requisitos para que um casal decida ter filhos (Cooke, Mills & Lavender, 2010; Hollos & Bernardi, 2009; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011; Thompson, Lee & Adams, 2013). Alcançar a estabilidade financeira, gozar de sucesso profissional, ter um bom relacionamento conjugal e sentir-se preparado para



ser pai ou mãe foram alguns dos fatores indicados pelos participantes. A ideia de que o exercício da parentalidade requer tantas pré-condições parece contribuir tanto para a idealização da experiência parental quanto para a frustração das expectativas (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

Além disso, a prevalência de um contexto social de produtivismo e individualismo, com suas demandas de alto desempenho, tem conduzido ao adiamento da parentalidade, devido à necessidade de um maior tempo para que o indivíduo alcance os objetivos que se propõe. Como alguns autores apontam (Cooke, Mills & Lavender, 2010; Hollos & Bernardi, 2009; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011), embora a parentalidade tardia tenha implicações, tais como a necessidade de reprodução assistida e sua parcela de sofrimentos e custos financeiros, esta situação parece ser desconsiderada pelos casais, que supõem um controle sobre as questões biológicas, do mesmo modo como controlam suas vidas.

Outro aspecto que destacamos, a partir dos estudos revisados (Gauthier & deMontigny, 2013; Morison, 2013; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011; Thompson, Lee & Adams, 2013) diz respeito à inclusão do pai nas pesquisas que abordam o projeto de ter filhos ou, de forma mais ampla, a parentalidade, rompendo a longa tradição em Psicologia de centralizar os estudos sobre a infância ou a família na figura materna.

Ao considerar os estudos produzidos no contexto nacional, verificamos que existe uma variedade de tópicos abordados dentro da temática do projeto de ter filhos, sendo que os novos arranjos familiares, a escolha de não ter filhos ou o adiamento da maternidade são fenômenos recentes que ainda estão se consolidando.

Outra peculiaridade dos estudos nacionais é a escolha pela abordagem de participantes após a tomada de decisão (Rios & Gomes, 2009b; Silva et al., 2013; Sohne & Wendling, 2011), sendo raros os estudos que buscam compreender as intenções em relação à parentalidade (Borges & Magalhães, 2013). Já quanto ao cenário internacional, os estudos sobre o projeto ou a tomada de decisão quanto a ter ou não filhos predominam (Holloos & Bernardi, 2009; Holton, Fisher & Rowe, 2009; Iacovou & Tavares, 2011; Pinguart, Stotzka & Silbereisen, 2010; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011; Thompson, Lee & Adams, 2013; Testa, Cavalli & Rosina, 2014).

Finalizamos esta revisão apontando para novos objetos de pesquisa, como é o caso da elaboração conjugal do projeto de ter ou não filhos, para novos desenhos de pesquisa, tais como a articulação entre a conjugalidade e a parentalidade quando objetivamos compreender o processo de formação de uma família, além da inclusão da figura masculina. Antes dispensado das tarefas domésticas e do cuidado dos filhos, depois fustigado pelo feminismo, o homem é hoje chamado a contribuir no lar, na escola e também no âmbito da pesquisa que visa o bem estar das famílias.

### 3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Considerando nosso objetivo, que visa investigar os sentidos afetivo-emocionais atribuídos por jovens casais ao projeto de ter filhos na contemporaneidade, adotamos a abordagem qualitativa, buscando compreender os significados individuais e coletivos do fenômeno estudado (Creswell, 2010).

Destacamos que a metodologia qualitativa surge como resposta à busca de um método que compreenda as relações de sentido dos fenômenos humanos, almejando a compreensão em profundidade e constituindo-se como alternativa ao projeto científico moderno que se pautava pelo ideal positivista de apreensão do objeto de pesquisa por meio da observação direta e da experimentação, em busca de leis causais (Turato, 2005; Willis & Stainton-Rogers, 2008).

Alinhadas com as proposições de Stake (2011), ressaltamos que toda investigação qualitativa é interpretativa por considerar os múltiplos sentidos que se produzem nas relações humanas, sendo a relação pesquisador-participante elemento fundamental da pesquisa; é experiencial, por estar direcionada à apreensão do vivido, sem a intenção de intervir e manipular o mesmo; é situacional, porque compreende o fenômeno como inseparável de seu contexto, considerado como único; e, finalmente, é personalístico quando prioriza a singularidade e o respeito à diversidade.

Diante do exposto, organizamos este capítulo em seis seções, a fim de manter a clareza acerca do processo realizado. Em “Considerações sobre o método psicanalítico”, expomos a fundamentação teórico-conceitual por nós adotada. Em “Apresentando os casais participantes e o contexto de pesquisa”,

delineamos o foco da pesquisa e na seção “Narrativa Interativa como recurso metodológico”, apresentamos o embasamento teórico subjacente ao uso de tal procedimento investigativo, bem como a história fictícia por nós elaborada. Na seguinte, “Narrativa do Encontro como forma de registro”, descrevemos o procedimento de registro adotado, na seção “Campos de sentidos afetivo-emocionais: Interpretação do material narrativo” apresentamos o modo como organizamos e interpretamos as narrativas obtidas em busca de seus sentidos afetivo-emocionais e por fim, em “Cuidados éticos”, tecemos algumas considerações acerca das questões éticas .

### **3.1 Considerações sobre o método psicanalítico**

Ao propor a realização de uma pesquisa qualitativa empírica que se pautar pelo método psicanalítico, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o enquadre que adotamos.

Retomando a discussão proposta por Aiello-Fernandes, Ambrósio e Aiello-Vaisberg (2012), destacamos que tomar a psicanálise como corpo teórico estabelecido e fixo compromete sua potencialidade heurística e a produção de conhecimento sobre o ser humano.

Continuando com Aiello-Fernandes, Ambrósio e Aiello-Vaisberg (2012), que definem a psicanálise como “método de investigação sobre processos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais” (p.311), autorizamos-nos a adotá-lo na investigação psicológica que tem lugar fora do *setting* clínico. Tal concepção se alinha com as ideias de Herrmann (2001) que cuidava em distinguir as teorias psicanalíticas do método psicanalítico, situando este como via legítima e privilegiada de acesso às vivências emocionais.

Tomar a conduta humana como objeto de investigação, o qual é compartilhado por todas as Ciências Humanas, requer um recorte metodológico, como nos ensina Bleger (1989/1963) que torne nosso estudo psicológico. E é para atender essa necessidade metodológica que focalizaremos os aspectos afetivo-emocionais da escolha conjugal entre ter ou não ter filhos.

Alinhados com a perspectiva blegeriana, Aiello-Vaisberg e Martins (2009) concebem a conduta como o “conjunto das manifestações humanas que inscrevendo-se sempre como acontecer humano, tem lugar de modo simultâneo em contextos pessoais, sociais e históricos, e estão inevitavelmente dotadas de sentido emocional” (p. 20).

Aqui retomamos as considerações de Aiello-Vaisberg e Machado (2008) para destacar que o conceito de conduta permite que os fenômenos sociais, que se expressam como práticas no mundo externo e como produções imaginativas no mundo interno, sejam psicanaliticamente pesquisados.

Dessa maneira, à semelhança do psicanalista, também o pesquisador assumirá uma postura de abertura e receptividade a fim de facilitar a livre expressão do participante (Herrmann, 2004), conjugando a associação livre dos participantes com a atenção equiflutuante do pesquisador, de acordo com a regra fundamental da psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998).

Tomaremos, portanto, o método psicanalítico como a escuta associativa/interpretativa que possibilita ao pesquisador vislumbrar os sentidos afetivo-emocionais subjacentes aos relatos dos participantes. Postura igualmente adotada ao longo do procedimento investigativo, seja na confecção das Narrativas Interativas que versam sobre o conflito abordado, seja na postura da

pesquisadora na condução dos encontros com os participantes ou mesmo na interpretação e discussão do material produzido.

### **3.2 Apresentando os casais participantes e o contexto de pesquisa**

Participaram desta pesquisa sete casais adultos, selecionados dentre os pacientes de uma médica ginecologista que intermediou o contato da pesquisadora com os participantes, depois de ser informada sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa.

Os casais participantes tinham idade que variava entre 25 e 38 anos, estavam legalmente casados ou declaravam sua união como estável. Adotamos a presente faixa etária com base nos dados do último Censo (IBGE, 2012) que indicam que, na região Sudeste do Brasil, onde se realiza este estudo, a idade média com que as mulheres se casam (independentemente do tipo de união) é de 23,8 anos, enquanto os homens se casam aos 26,7 anos. Já em relação à inclusão de casais em união estável, seguimos o proposto pelo artigo 1.723 do Novo Código Civil Brasileiro, que deixou de estabelecer um prazo mínimo de convivência para que o relacionamento se configure como união estável, bastando que os parceiros assim o declarem.

Definimos que, para atender ao objetivo da pesquisa, não participariam casais que estivessem grávidos ou que já tivessem filhos, bem como aqueles que sofreram qualquer espécie de aborto, sendo imprescindível a participação de ambos os cônjuges. Tais critérios visam garantir que o casal participante não tenha tido ainda qualquer contato com a experiência parental, e possa comunicar-se imaginativamente acerca de um projeto familiar.

### 3.3 Narrativa Interativa como recurso metodológico

No âmbito da pesquisa qualitativa, o uso de narrativas tem sido cada vez mais frequente como procedimento que se abre à compreensão da experiência pessoal e as diferentes perspectivas que assume, segundo o contexto considerado (Onocko-Campos et al, 2013).

No horizonte psicanalítico, as narrativas têm desempenhado um papel fundamental, sendo utilizadas como ferramenta metodológica tanto no *setting* psicanalítico clássico quanto na investigação narrativa da experiência emocional, abordagem esta que adotamos em nosso grupo de pesquisa (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011). Tomamos a narrativa como recurso investigativo com potencialidade para instaurar um campo de interlocução que contempla o lúdico e o dramático (Granato, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011) no contexto de uma pesquisa.

Nessa perspectiva, adotamos as Narrativas Interativas neste estudo, como recurso metodológico que reconhece e valoriza a relação entre pesquisador e participante, tornando-os colaboradores na produção de um conhecimento que se pretende pessoal e profundo em termos das motivações investigadas (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011).

Como recurso imaginativo, as Narrativas Interativas configuram-se como histórias fictícias, elaboradas pelo pesquisador com a intenção de apresentar ao participante uma determinada situação de conflito que se quer investigar, convidando-o para que tome parte da mesma, identifique-se com seus personagens e conduza a narrativa de modo livre e associativo em direção a um desfecho (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013). Por seu caráter minimalista, uma vez que apresenta uma cena dramática de forma breve e aberta fornece

pistas quase oníricas para que o participante se ponha a sonhar aquela situação completando as lacunas deixadas pelo pesquisador. À semelhança do jogo do rabisco winnicottiano (Winnicott, 1994/1964), a narrativa esboça um campo em que o conflito abordado se insinua como convite para a participação emocional do participante.

A fim de abordar o projeto de ter filhos na contemporaneidade, em termos de seus matizes afetivo-emocionais, elaboramos a seguinte história a partir de repetidas exposições ao nosso grupo de pesquisa, com a intenção de aproximá-la do cotidiano de um casal que se vê pela primeira vez pensando na experiência de ter filhos.

*Depois de um tempo juntos, Melissa e Renato começaram a perceber uma certa pressão da família. Se, antes, eram questionados sobre a data do casamento, agora os familiares perguntavam quando planejavam ter filhos. Será que os casais estão sempre sofrendo algum tipo de pressão? Era o que Melissa se perguntava quando resolveu conversar com as colegas de trabalho sobre o assunto. Estas disseram que se ela quisesse subir na empresa não deveria ter filhos tão cedo, pois os chefes poderiam pensar que ela não daria conta da dupla tarefa. Melissa não sabia se concordava com essa história, mas uma coisa era fato: as mulheres que trabalhavam na empresa não tinham mesmo muitos filhos.*

*Ainda refletindo sobre o assunto, Melissa resolveu continuar a conversa com sua irmã, que já era mãe. Ouviu da irmã que ser mãe era maravilhoso e que, além disso, todo casal percebe chegar um momento em que falta alguma coisa. Era isso o que tinha acontecido com ela.*

*Depois Melissa e Renato encontraram com vários casais de amigos em uma festa, onde ouviram dizer que ter filhos dava muito trabalho e que um casal deveria curtir bastante a vida a dois, porque depois tudo isso acabava!*



*Outro dia, a mãe de Melissa, Dona Ruth, comentou que uma prima estava grávida, aproveitando o ensejo para perguntar à filha se ela e Renato já estavam pensando em engravidar. Surpresa, Melissa responde que eles ainda eram jovens e que tinham muito tempo pela frente. Preocupada, Dona Ruth tratou de deixar bem claro que queria ter mais netos para poder mimá-los bastante. Seu Ernesto, o pai de Melissa, disse para a mulher parar de amolar a filha e que deixasse o casal resolver sozinho.*

*Melissa saiu da casa dos pais confusa e com a impressão de que todos estavam falando de filhos! Enquanto voltava para casa, percebeu que aquele assunto não saía de sua cabeça. Sentiu que precisava conversar com Renato e esta foi a primeira coisa que fez ao chegar em casa...*

Durante cada entrevista, foi solicitado ao casal que completasse, por escrito, a Narrativa Interativa apresentada pela pesquisadora, optando-se por deixar os cônjuges livres para decidir entre duas histórias individuais ou uma mesma para o casal; tal postura tem o propósito de respeitar a dinâmica do casal diante da demanda de reflexão sobre o projeto de formar uma família.

Os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade de cada casal, podendo ser realizados em sua residência ou em sala de atendimento clínico disponibilizada pela pesquisadora, de modo a garantir a privacidade e o bem estar.

Após a finalização das histórias, iniciou-se a segunda etapa da entrevista, quando cada casal foi convidado a falar acerca do projeto de ter filhos, ampliando as associações despertadas pela Narrativa Interativa em direção a uma elaboração conjugal sobre o tema investigado.

### **3.4 Narrativa do Encontro como forma de registro**

Após o encontro, a pesquisadora redigiu uma narrativa, aqui denominada Narrativa do Encontro, que se configurou como uma primeira etapa de elaboração do material. Esse relato abarcou falas, comentários e impressões dos participantes e do pesquisador, cuja preocupação não foi compor um retrato fiel, mas a re (construção) do encontro, considerando a implicação do pesquisador que é característica do enquadre qualitativo.

Assim sendo, tanto as Narrativas Interativas como as do Encontro foram tomadas como objeto de análise, sobre as quais nos debruçamos em busca dos sentidos afetivo-emocionais criados por jovens casais em relação ao projeto de ter filhos na contemporaneidade.

### **3.5 Campos de sentidos afetivo-emocionais: interpretação do material narrativo**

Analisamos o conjunto das Narrativas Interativas e as Narrativas do Encontro na interlocução com os demais membros de nosso grupo de pesquisa que, a partir da postura psicanalítica de atenção flutuante, deixou-se impressionar por sua forma e conteúdo, em busca de interpretações compartilhadas, atendendo à demanda de triangulação que agrega fidedignidade à pesquisa qualitativa (Stake, 2011).

Organizamos em campos os sentidos afetivo-emocionais que emergiram da análise interpretativa das narrativas colhidas, de modo a comunicar dramaticamente a experiência emocional de jovens casais.

De acordo com a definição de Hermann (2004), os campos de sentido constituem-se como conjunto de regras lógico-emocionais que sustentam uma

determinada conduta, sem que o indivíduo esteja necessariamente consciente da atuação do campo, o qual se organiza como manifestação individual, social e cultural.

Ressaltamos, como Aiello-Vaisberg e Martins (2009), que não pretendemos criar sentidos arbitrariamente, desrespeitando o que está sendo comunicado por nossos participantes, nem considerando aquilo que está sendo captado como independente da personalidade do pesquisador. Como destacam Aiello-Vaisberg e Martins, o rigor pretendido é “aquele que resulta da capacidade humana de perceber algo, mesmo quando não corresponde aos nossos anseios e crenças, e da disposição para examinar achados em contextos de interlocução com a comunidade científica” (p.25).

Além disso, é fundamental salientar que os campos de sentido referem-se a expressões pessoais de um coletivo de participantes em um determinado momento de vida e contexto social, o que os mantém, portanto, sempre aberto a novas configurações (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013).

A partir da criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocionais subjacentes às produções narrativas, atribuímos um nome emblemático a cada campo de forma a traduzir o drama emocional comunicado, discutindo-os à luz das proposições winnicottianas sobre o casal, a gestação e os planos de ter filhos, bem como as produções científicas recentes nacionais e internacionais sobre parentalidade e conjugalidade.

### **3.6 Cuidados éticos**

A presente pesquisa está de acordo com o protocolo exigido pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)

que regulamenta a normas acerca da realização de pesquisa com seres humanos, tendo sido aprovada pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas sob o parecer número 437529/2013.

Através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), todos os participantes foram informados que não sofreriam qualquer prejuízo, sendo esclarecidos sobre as questões éticas relacionadas ao sigilo e divulgação das informações.

#### **4. NARRATIVAS SOBRE O PROJETO DE TER FILHOS**

O material desta pesquisa foi produzido a partir dos encontros realizados com os sete casais participantes. Para a apresentação, adotamos nomes fictícios, a fim de garantir a privacidade, e reproduzimos as histórias por eles confeccionadas sem qualquer alteração.

Para facilitar a contextualização do material que segue, rerepresentamos a Narrativa Interativa que deu origem às demais narrativas, restabelecendo a continuidade de sentido entre a narrativa da pesquisadora e aquelas produzidas pelos participantes.

## NARRATIVA INTERATIVA

*Depois de um tempo juntos, Melissa e Renato começaram a perceber uma certa pressão da família. Se antes eram questionados sobre a data do casamento, agora os familiares perguntavam quando planejavam ter filhos. “Será que os casais estão sempre sofrendo algum tipo de pressão?” Era o que Melissa se perguntava quando resolveu conversar com as colegas de trabalho sobre o assunto. Estas disseram que, se ela quisesse subir na empresa, não deveria ter filhos tão cedo, pois os chefes poderiam pensar que ela não daria conta da dupla tarefa. Melissa não sabia se concordava com essa história, mas uma coisa era fato: as mulheres que trabalhavam na empresa não tinham mesmo muitos filhos.*

*Ainda refletindo sobre o assunto, Melissa resolveu continuar a conversa com sua irmã, que já era mãe. Ouviu da irmã que ser mãe era maravilhoso e que, além disso, todo casal percebe chegar um momento em que falta alguma coisa. Era isso o que tinha acontecido com ela.*

*Depois, Melissa e Renato encontraram com vários casais de amigos em uma festa, onde ouviram dizer que ter filhos dava muito trabalho e que um casal deveria curtir bastante a vida a dois, porque, depois, tudo isso acabava!*

*Outro dia, a mãe de Melissa, Dona Ruth, comentou que uma prima estava grávida, aproveitando o ensejo para perguntar à filha se ela e Renato já estavam pensando em engravidar. Surpresa, Melissa responde que eles ainda eram jovens e que tinham muito tempo pela frente. Preocupada, Dona Ruth tratou de deixar bem claro que queria ter mais netos para poder mimá-los bastante. Seu Ernesto, o pai de Melissa, disse para a mulher parar de amolar a filha e que deixasse o casal resolver sozinho.*

*Melissa saiu da casa dos pais confusa e com a impressão de que todos estavam falando de filhos! Enquanto voltava para casa, percebeu que aquele assunto não saía de sua cabeça. Sentiu que precisava conversar com Renato e esta foi a primeira coisa que fez ao chegar em casa...*

**CASAL A**

<p><b>Anita</b>  <b>Sexo:</b> Feminino  <b>Idade:</b> 27 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Professora</p>	<p><b>Arnaldo</b>  <b>Sexo:</b> Masculino  <b>Idade:</b> 27 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Médio  <b>Profissão:</b> Gerente</p>
<p><b>Tempo de união:</b> 2 anos</p>	

O encontro foi realizado na residência do casal, que preferiu escrever em conjunto, tendo elaborado, como complemento à narrativa do pesquisador, o seguinte desfecho:

Chegando em casa Melissa desabafou com Renato que sentia a mesma pressão.

Após a conversa, assim que ambos estavam mais tranquilos decidiram deixar claro para todos a vontade que tinham de serem mãe e pai, porém tudo tem o momento certo.

Assim Melissa e Renato conseguiram com que os familiares entendessem e respeitassem o tempo do casal.

Passado alguns anos, veio a grande surpresa, Melissa estava grávida!

Que felicidade, no momento certo todos desfrutaram dessa alegria!

## NARRATIVA DO ENCONTRO: ANITA E ARNALDO

A entrevista aconteceu na sala da residência do casal, sendo que a TV permaneceu ligada durante todo o tempo, ainda que Anita tenha diminuído seu volume. Embora tenha pensado, preferi não solicitar que o aparelho fosse desligado, respeitando a dinâmica do casal. Depois da leitura da narrativa, Anita já disse que o pai da história lembrava o pai de Arnaldo, relatando que o sogro chegava a chorar dizendo que queria ter netos. Ela perguntou se teriam que ser duas histórias ou se poderia ser uma. Disse-lhes que poderiam escolher, quando Arnaldo definiu: “Você dita e eu escrevo” (sic).

Após reler a história, Anita disse que preferia escrever, deixando o marido à parte do procedimento, enquanto elaborava o desfecho para a narrativa. Após algum tempo, pediu para que ele lesse, sendo que, após concluir a narrativa, afirmou que não tinha ficado muito bom. Quando lhe perguntei o porquê de sua insatisfação, ela disse que estava curta, passando imediatamente a relatar sua vida conjugal, destacando que a história tinha muita relação com o que viviam.

Senti nesse momento que estava difícil para o casal se ater à história fictícia, devido à intensa identificação com os personagens, preferindo contar histórias de sua própria vida conjugal e familiar que se relacionavam ao tema. Anita quis ler como o final da narrativa tinha ficado. Quando perguntei a Arnaldo o que ele achava, ele disse que concordava porque aquela era a história deles.

Durante a entrevista que se seguiu, embora Anita falasse muito mais que Arnaldo, senti o marido atento o tempo todo, fazendo comentários em momentos pontuais, mas preferindo deixar a esposa falar livremente.



Anita explicou que a narrativa tinha muita conexão com a história deles. Como tiveram um namoro de nove anos, sentiram uma pressão muito maior em relação ao casamento, já que a família sempre cobrava a data da cerimônia. Porém, meses depois, já se iniciaram os questionamentos familiares sobre os planos do casal sobre os futuros filhos.

Ela relatou que o marido também passou a pressioná-la, insistindo para que tivessem filhos, mas que ela não quis, por avaliar que “aquele não seria o momento certo” (sic). Contou, ainda, que, poucos meses após o casamento, a menstruação atrasou, o que gerou desespero, porque ela não pretendia engravidar. Anita explicou que sua menstruação sempre foi muito desregulada e, desde que começou a tomar remédio, os atrasos deixaram de ocorrer. Por esse motivo, quando a menstruação atrasou, ela teve certeza que estava grávida. Apesar disso, evitou por três meses fazer o teste, com medo do resultado. Concluiu dizendo: “Graças a Deus, não era” (sic), mas ressaltou que Arnaldo enfrentou a situação de um modo diferente, afirmando que ficou com medo, mas como tinham certeza da gravidez, já estava se acostumando com a ideia.

Anita disse que essa pressão toda abalou o casamento no início e, como os dois haviam namorado por bastante tempo, a pressão lhes pareceu mais intensa. Porém, os dois conversaram e chegaram à decisão de que ainda não era o momento de ter filhos.

Tive a sensação de que o casal divergia em relação ao projeto de ter filhos. Apesar de afirmar que queriam ser pais, Anita explicou que o momento não é o ideal, enquanto Arnaldo declarou que, por ele, já teriam filhos, que sente falta e, às vezes, o casal fica sozinho, acrescentando que, quando a

sobrinha fica com eles, a dinâmica da casa já muda. Nesse momento, pensei na televisão ligada que talvez preencha, de alguma forma, o vazio que ele afirma sentir.

Anita comentou que não consegue pensar em ter filhos agora, argumentando que, caso tivesse, a sua rotina mudaria, já que não poderia mais trabalhar em dois empregos, enquanto a rotina de Arnaldo continuaria a mesma. Ela completou dizendo que não gostaria que seu filho fosse criado pelas avós e que, no começo, também não poderia deixar o filho sozinho com o marido, “pois tem coisas que só a mãe sabe” (sic). Arnaldo mostrou-se incomodado com os comentários da esposa, dizendo que “nem todos os homens são iguais” (sic), enfatizando que seria capaz de cuidar do bebê.

Em relação ao “momento certo” referido por Anita, esta disse não saber o que imagina desse momento, mas acha que “o casal sente quando falta algo e chega a hora de ter filhos” (sic). Arnaldo interrompeu, comunicando que eles já tinham uma data, mas Anita reagiu, dizendo que ele havia estipulado a data de nascimento do filho para daqui a dois anos, sendo a gravidez planejada para logo depois da Copa.

Anita concordou que, em dois anos, seria mais viável ter filhos, pois estaria trabalhando em apenas um emprego e poderia ficar meio período em casa. Ela enfatizou as dificuldades e a sobrecarga da mulher moderna, dizendo que a opção de ter filhos forçaria o abandono de sua carreira profissional, pois teria que sair da escola e perderia “tudo aquilo que conquistou” (sic). Ela manifestou sua ambivalência, dizendo que, se fosse esperar se estabilizar, teria filhos daqui a quatro anos, mas tem receio de adiar muito e ter

dificuldades para engravidar, como há casos na família, ao que Arnaldo se refere como “o problema da idade” (sic).

Nesse momento em que eu refletia sobre o significado da estabilidade profissional para os casais contemporâneos, Anita perguntou o que eu havia observado nos casais, se já havia realizado outras entrevistas. Para lhe dar uma resposta, comentei sobre os dados que havia encontrado na literatura e o surgimento da ideia para a pesquisa. Entretanto, Arnaldo fez questão de enfatizar que todos os casais que conheciam tinham filho, mostrando sua discordância em relação à ideia do casal sem filhos, reafirmando que eles querem ser pai e mãe.

Ela me relatou que se previne, tomando todas as precauções para não engravidar, porém assegura que “se viesse um filho agora, mesmo sem planejamento, não teria problema” (sic). Essa frase de Anita me pareceu revelar o conflito em que ela se encontra imersa, ao apresentar um discurso politicamente correto, mas que parece trazer em seu bojo as questões relacionadas ao desejo de ser mãe.

Conversamos um pouco sobre as mudanças na vida dos casais modernos, a angústia de mulheres que assumem a dupla função, assim como a dos maridos que, hoje, desejam ter uma paternidade mais participativa, rejeitando o papel de ser apenas o provedor. Arnaldo comentou que observa os pais mais próximos, dizendo que quer muito participar e que acha que “o negócio do sexo não tem muito a ver” (sic), pois, inicialmente, queria ter um menino para poder sair com ele e jogar bola, mas que, depois, viu o cunhado levar a sobrinha para todos os lugares.

A entrevista foi chegando ao fim em meio às considerações sobre os casais contemporâneos. Neste momento, em que Anita me pareceu estar refletindo, ela conclui que a história poderia ter muitos finais, mas que eles contaram a história deles, porque foi muito difícil não se identificar com a narrativa.

**CASAL B**

<p><b>Bianca</b>  <b>Sexo:</b> Feminino  <b>Idade:</b> 27 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Engenheira</p>	<p><b>Bruno</b>  <b>Sexo:</b> Masculino  <b>Idade:</b> 34 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Engenheiro</p>
<p><b>Tempo de união:</b> 1 ano</p>	

O casal B também preferiu que o encontro fosse realizado em sua residência, porém completaram as narrativas separadamente, produzindo as duas histórias apresentadas abaixo.

**Narrativa elaborada por Bruno**

Chegando lá, expôs o sentimento de pressão que sentia e solicitou a opinião de Renato sobre o assunto.

Renato, alguns anos mais velho que Melissa, perguntou o que ela achava da situação e o que pretendia na sua vida.

Se fosse realizar o sonho de ter um filho, que apoiava plenamente, porém se almejava um crescimento profissional, que poderiam aguardar mais alguns anos, pois afinal, Melissa era nova e tinha um grande potencial de crescimento na empresa trabalhava. ~~O sonho do filho poderia aguardar mais alguns anos.~~

Na opinião de Renato, Melissa deveria optar pelo o que realmente desejava e não ser influenciada por pressão da família, amigos, etc...

Passaram-se os anos, Melissa cresceu profissionalmente e tiveram os filhos do relacionamento.

Hoje, Melissa concilia a vida profissional e pessoal com a ajuda dos avós sem problemas.

### **Narrativa elaborada por Bianca**

Ao chegar em casa Melissa chamou Renato para conversar e perguntou a ele: Você deseja ser pai? Renato ficou surpreso com a pergunta mas respondeu que sim, gostaria de ser pai de dois meninos. Então Melissa disse a ele que também tinha esse mesmo desejo, mas ao mesmo tempo tinha certas dúvidas e incertezas.

Os dois conversaram por horas e decidiram que antes de ter o primeiro filho precisavam fazer algumas coisas, como mudar para um apartamento maior, ter uma “poupança” ou pé de meia para poder receber bem essa criança, com isso colocaram algumas metas e estipularam um prazo, 2 3 anos era o tempo ideal, afinal eles já estavam juntos há 2 então mais 3 seria o suficiente para atingirem seus objetivos pessoais e profissionais. Com isso Melissa foi dormir tranquila e parou de se preocupar com as opiniões de outras pessoas.

### **NARRATIVA DO ENCONTRO: BIANCA E BRUNO**

Assim que cheguei à residência do casal, Bianca e Bruno começaram a se justificar, dizendo que a casa era pequena. Bianca preocupou-se com o que eu poderia pensar se a casa estivesse desarrumada, como, por exemplo, que ela não cuida bem do marido. Bruno enfatizou que eles ficam fora o dia todo e só dormem ali e, por essa razão, a casa é pequena, mas suficiente. O tom de justificativa chamou-me a atenção para um possível sentimento de inadequação do casal que sentiu necessidade de explicar o motivo pelo qual têm uma casa pequena.

Depois de uma rápida conversa, iniciamos o procedimento da pesquisa. Mal terminei de ler em voz alta a Narrativa Interativa, os dois se puseram a escrever histórias individuais, o que me surpreendeu, dado que os demais casais preferiram escrever a história a dois. Bruno me perguntou se havia um

limite mínimo de linhas, pois queria ser objetivo, enquanto Bianca observa que as situações narradas na história eram exatamente as que eles vivenciavam.

O casal permaneceu em silêncio durante toda a elaboração da narrativa, sem que um lesse sua história para o outro, ou pedisse sua opinião, o que foi feito somente ao final da entrevista. Pensei sobre o imaginário do casal sobre o enquadre de pesquisa, provavelmente como algo neutro e rígido. Bruno confirmou a minha impressão, ao comentar: “Ah é só isso, só um bate papo?” (sic), mostrando-se surpreso e aliviado.

O casal relatou que havia gostado do procedimento, salientando que não havia como fugir da própria história, por mais que tenham liberdade para criar. A vontade, declararam eles, é contar a própria história através dos personagens. Bianca acrescentou que gostaria de contar a sua história em primeira pessoa.

Embora já tivessem ouvido queixas sobre a pressão da família, eles destacaram que não a sentem como pressão. Bianca afirmou que tudo depende da maneira como você ouve e, como esse assunto não a incomoda, ela responde às perguntas das pessoas com tranquilidade. Ela disse que parece haver um ciclo natural em que as pessoas perguntam aos casais quando vão casar, depois quando vão ter o primeiro filho e, depois, quando vem o próximo.

Bruno acha que, em cada fase da vida, existe uma pressão e que é preciso saber lidar com isso. Além disso, imagina que, quando os pais perguntam se o casal pensa em ter filhos, é porque eles querem realizar o sonho de serem avós e não por pensar que o casal precise ter filhos.

Um ponto interessante abordado por Bianca refere-se ao fato dela e Bruno não serem casados oficialmente e apenas morarem juntos. Ela afirmou que, neste caso, a pressão para ter filhos é menor, já que, perante a sociedade, eles não são casados. Ela reconheceu que essa ideia ainda é muito presente hoje em dia e que, apesar de não partilhar dela, a certidão de casamento ainda tem a função de legitimar a união perante a sociedade.

Quando perguntei se eles conversavam sobre filhos, o casal respondeu negativamente, explicando que moram juntos há pouco tempo e que ainda não é o momento certo. Apesar de terem bons empregos e estabilidade financeira, somente quando estiverem morando em uma casa ou em um apartamento maior sentem que será possível pensar em filhos, pois o apartamento em que moram “é muito pequeno para receber mais uma pessoa” (sic). Noto que novamente o “momento certo” aparece relacionado à estabilidade financeira e à provisão de recursos materiais.

Apesar da ênfase no momento certo de formar uma família, tanto Bruno quanto Bianca afirmaram que, se tivessem um filho naquele momento, não seria ruim. Bruno disse que é “babão” (sic) e gosta de brincar com crianças, justificando que “iria até gostar de ter um filho” (sic), o que Bianca confirma dizendo que “se o filho vier, será muito bem-vindo” (sic).

Em relação ao trabalho, Bianca pensa que, para a mulher de hoje, “não é mais um desafio conciliar a dupla tarefa” (sic). Ela trouxe exemplos de sua empresa, onde as mulheres ocupam cargos importantes e conciliam a carreira com as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. Ela mesma pretende continuar trabalhando quando tiver filhos, pois sente que precisa do



reconhecimento profissional. Além disso, citou o exemplo de sua mãe, que já trabalhava fora e cuidava da casa e dos filhos.

Como Bianca é engenheira e trabalha em um ambiente em que a maioria dos funcionários é homem, seu posicionamento reflete a conquista de um espaço de trabalho que, até então, não lhe era permitido.

Desse modo, a imagem de uma mulher super atribulada aparece para Bianca como algo natural, tendo já incorporado a dinâmica da vida contemporânea, enquanto Bruno pondera sobre o desejo de ter mais tempo e “não viver correndo” (sic) quando tiver filhos.

Quando se referiu às mudanças do papel social do homem, Bruno afirmou que ajuda nas tarefas de casa, mas destacou que, enquanto lava a louça, por exemplo, tem a impressão de que não deveria estar fazendo aquilo. Ele contou que morou sozinho por quatro anos e que essa fase foi um grande aprendizado, quando percebeu a importância da colaboração. Bianca discordou, dizendo que, conforme leu em uma revista, quando o homem faz determinado serviço, comporta-se como se estivesse ajudando a mulher, quando “na verdade, é obrigação dele também, já que ele também vive na casa” (sic).

Eles explicaram que, apesar de terem namorado por muito tempo, estão construindo tudo de novo, agora que passaram a morar juntos, concluindo que só se conhece bem uma pessoa depois que se mora com ela. Bianca disse, ainda, que acha importante que o casal tenha uma fase sem filhos, enfatizando a importância da construção da conjugalidade antes da transição para a parentalidade. Destacaram que estão aproveitando a vida a dois para viajar,

pois, conforme Bruno refletiu, “ter um filho não torna isso impossível, mas dificulta” (sic).

Também fizeram menção às despesas que um filho gera; Bruno enfatizou que se o casal quer educar adequadamente o filho, terá muitos gastos, citando o exemplo de seu irmão, que tem dois filhos pequenos. Ele acrescentou que existem “pessoas que têm filhos por ter” (sic) e que a criança, ainda pequena, “já vive largada” (sic), concluindo que eles querem poder proporcionar uma educação adequada.

Antes de encerrar a entrevista, Bruno quis saber um pouco mais da pesquisa, perguntando quantos casais iriam participar e quais características estes deveriam ter. Expliquei e combinei com eles que entraria em contato posteriormente, para apresentar os resultados encontrados, caso o desejassem. Bianca disse que gostaria muito, pois tem curiosidade de saber se todos os casais passam pela mesma situação e o que pensam eles. Afirmou, ainda, que o tempo de união parece ser algo que influencia. Bruno discordou, dizendo que o tempo pode influenciar, ou não.

## CASAL C

<p><b>Cora</b></p> <p><b>Sexo:</b> Feminino</p> <p><b>Idade:</b> 27 anos</p> <p><b>Escolaridade:</b> Pós-Graduada</p> <p><b>Profissão:</b> Professora</p>	<p><b>Caio</b></p> <p><b>Sexo:</b> Masculino</p> <p><b>Idade:</b> 32 anos</p> <p><b>Escolaridade:</b> Ensino Superior (Cursando)</p> <p><b>Profissão:</b> Supervisor</p>
<p><b>Tempo de união:</b> 2 anos e três meses</p>	

Cora e Caio também preferiram que o encontro fosse realizado em sua residência. O casal optou por escrever a história em conjunto, mas reescreveu a narrativa após finalizá-la, realizando alguns ajustes. Assim, apresentamos as duas versões produzidas por eles.

Melissa e Renato sentaram para conversar e refletiram em tudo em que estava ouvindo dos amigos e familiares sobre filho.

Nossa Renato todo mundo fica perguntando quando vamos (iremos) ter filhos, eu acho tão difícil no momento, pois trabalho o dia todo, tenho muitos compromissos como faço para dar conta de tudo, sabendo Renato que eu que quero cuidar do meu filho e não deixá-lo com ~~qualquer~~ outra pessoa.

Nossa Melissa desse jeito fica difícil mesmo, como pode você sair do trabalho, temos tantos objetivos na nossa vida ainda, mas Renato eu não vou deixar meu filho com outra pessoa de jeito nenhum, bom Melissa dessa maneira vamos ter filhos só a daqui 5 anos, somos novos ainda e não temos condição de ter um filho agora, mais se Deus mandar concerteza será aceito, mais no momento vamos continuar focado na nossa vida.

Melissa e Renato sentaram para conversar e refletir em tudo que estavam ouvindo dos amigos e familiares sobre filhos.

- Nossa Renato todos ficam perguntando quando iremos ter filhos, eu acho tão difícil no momento, pois trabalho o dia todo e tenho muitos compromissos. Como faço para dar conta de tudo sabendo que eu quero cuidar do meu filho e não deixá-lo com outra pessoa?

-Nossa Melissa desse jeito fica difícil mesmo, como pode você sair do trabalho, pois temos muitos objetivos para serem alcançados.

- Mas Renato eu não vou deixar meu filho com outra pessoa de maneira alguma.

-Bom Melissa dessa maneira vamos ter filho só daqui 5 anos, somos novos ainda, temos bastante objetivo e não temos condição de ter um filho agora de maneira planejada, mais se Deus mandar com certeza sera aceito, mais no momento vamos continuar focado na nossa vida.

### **NARRATIVA DO ENCONTRO: CORA E CAIO**

Caio e Cora se mostraram receptivos desde o início. Ao chegar na residência dos mesmos, ela já me esperava na porta e disse para que ficasse à vontade. Durante todo o encontro, o casal ficou sentado próximo, trocando carícias e procurando refúgio um no outro, quando se sentiam envergonhados ou angustiados. Além disso, chamaram-se por apelidos carinhosos, como “gata” e “gato”, durante todo o encontro.

Cora se mostrou surpresa com a minha idade e o fato de estar fazendo mestrado, me deu parabéns, mas fez questão de enfatizar, enquanto preenchia os dados, que ela também possuía Pós-Graduação.

Expliquei como funcionaria o procedimento da pesquisa e, durante a leitura da narrativa, o casal foi esboçando sorrisos, parecendo se identificar

com a história narrada. Ao final, quando foi solicitado que elaborassem um desfecho, os dois riram e se entreolharam, folheando o papel e relendo a história.

Ao invés de começarem a escrever, o casal começou a relatar sua identificação com a história, dizendo que era assim mesmo que ocorria e que eram sempre questionados. Cora disse que as mães de seus alunos sempre perguntam quando ela terá filhos e ressaltou que os amigos sempre dizem para aproveitar a vida dois, porque depois “você passa a viver em função do filho” (sic). Caio concordou e disse que era um assunto complicado, porque “está difícil nos dias de hoje colocar um filho no mundo” (sic). Ele perguntou se poderia conversar com a esposa antes de escrever a história e os dois resolveram que preferiam escrever uma narrativa juntos.

O casal discutiu como seria a história, Caio disse que era para relatar a história deles, já Cora falou que queria dar continuidade à história de Melissa e Renato, que podiam inventar. O assunto me pareceu trazer angústias para os dois. Como as situações apresentadas se assemelhavam às vivenciadas por eles, os dois tiveram dificuldade em dar continuidade à narrativa, fazendo sempre comentários comigo sobre a história pessoal de cada um deles. Caio chegou a verbalizar “Pensei que ia ser mais fácil, uma entrevista” (sic). Já Cora perguntou quantos casais iriam fazer e se todos da minha classe (referindo-se ao grupo de pesquisa) trabalhavam com narrativas.

Por fim, idealizaram um diálogo sendo que, nos momentos em que a fala era masculina, Caio escolhia o que seria escrito e, quando era feminina, Cora. Caio fez questão de elaborar a história pautada em sua experiência pessoal, não aceitando ideias da esposa que fugissem às situações vivenciadas por

eles. Foi Caio quem escreveu, mas Cora fez questão de que o esposo escrevesse o que ela estava dizendo. “Já que é para eu falar, deixa eu falar” (sic).

Durante o procedimento, senti certo empenho do casal em ressaltar que não tinham preconceito em relação ao fato de ter filhos; senti, inicialmente, que estavam me posicionando como uma juíza, como se estivesse ali para verificar se eles queriam ou não ter filhos. Pareceu ser difícil ao casal conceber a probabilidade de existirem casais que não queiram ter filhos; Cora chegou a verbalizar: “não quero envelhecer e ficar sozinha, apenas cuidando dos filhos dos outros” (sic).

Durante a elaboração da narrativa, Cora disse para Caio escrever, dizendo que não tinha problemas se este cometesse erros ortográficos, porque, depois, ela passaria a limpo e enfatizou “Eu sou a manda chuva” (sic). Atitudes como esta me fizeram questionar quais são as funções femininas e masculinas na sociedade contemporânea, pois parece ocorrer uma manutenção do modelo tradicional, em que o homem é o provedor e a mulher, a responsável pelos cuidados de casa, ao mesmo tempo que emerge um novo modelo, segundo o qual a mulher tem voz ativa e o marido busca sua anuência para tomar decisões.

O casal, durante toda a entrevista, enfatizou o planejamento que os impossibilita de ter filhos agora; Caio está fazendo faculdade e o casal disse que só pensa em ter filhos após esse ter concluído os estudos, pois, assim, ele receberia uma promoção no emprego e Cora poderia passar a trabalhar apenas meio período.

Quando questionados sobre os planos, o casal disse que almeja quitar o apartamento, trocar de carro, fazer uma viagem para o exterior, reformar o apartamento, comprar uma casa, o que me pareceu uma infinidade de planos. Cora pareceu perceber que o casal nunca estará satisfeito, que sempre vai querer algo mais e ressaltou que o seu maior medo talvez não seja a questão financeira, mas a dificuldade de criar um filho nos dias de hoje, devido à violência. Os dois citaram exemplos, como o de adolescentes grávidas, e enfatizaram “a juventude parece estar perdida” (sic). Caio disse que, apesar de enfatizarem tanto o planejamento, este não garante nada, porque pode ser que eles tenham um filho e que esse não siga o caminho que eles idealizaram.

Apesar de o casal ressaltar a importância do planejamento e das metas que pretendem alcançar antes de ter filhos, em diversos momentos enfatizaram que “se Deus mandar, não há o que fazer, vamos receber o filho com muito amor” (sic). Cora disse que, mesmo tomando pílula e se prevenindo, ela acredita que “se é a hora, nada vai impedir” e que “o bebê vem” (sic).

Durante a elaboração da narrativa, Caio apresentou ideias que me pareceram demonstrar o seu desejo de ser pai, “Você está grávida?” (sic) “Melissa, se você topar, eu topo” (sic), rindo logo em sequência e ignorando as frases, como se não lhe fosse permitido ter esses pensamentos.

Cora ressaltou o seu medo de ficar com o corpo deformado, dizendo “Tenho muito medo de ficar gorda para sempre, cheia de estrias” (sic), enfatizando que é muito vaidosa. Ao apresentar tal argumentação, ela utilizou as mãos para representar a barriga da gestante e se mostrou aterrorizada ao imaginar um bebê dentro de sua barriga.

Durante a entrevista, o casal ressaltou que sua história difere da vivenciada por Melissa e Renato no que se refere ao posicionamento da família. Cora enfatizou que sua mãe mora longe e que não pressiona, mas enfatiza que, se o casal demorar muito, ela não terá condição de auxiliar nos cuidados com o bebê, devido à idade. Apesar das ressalvas do casal, tais palavras me soaram como cobrança, entretanto, Cora pareceu não sentir dessa forma.

Em relação à família de Caio, o casal relatou que a mãe dele trabalha e que tem uma rotina corrida, o que a impossibilita de auxiliar nos cuidados do bebê. Assim, pareceu que, por não poder ajudar, o casal concebe que a mesma não pode cobrar. Ao falar de sua família, Caio disse “minha mãe sempre foi pai e mãe” (sic), e que ele não quer fazer com Cora o que o pai fez com sua mãe e nem fazer com o seu filho o que seu pai fez com ele, já que o pai nunca ligou para ele. Caio se emocionou nesse momento e Cora também. Ele enfatizou que quer ter filhos quando puder ficar próximo a eles, participando da educação e dos cuidados dos mesmos.

Cora relatou que, por trabalhar na educação infantil, percebe as carências das crianças que ficam o dia todo longe dos pais, salientando que “não quer deixar o filho com qualquer um” (sic), querendo ela mesma ser a responsável pelos cuidados.

Ao falar de sua vida profissional, senti a dificuldade de Cora em conciliar vida pessoal e profissional. Ela disse que está há pouco tempo em um dos seus empregos e que, por isso, sempre faz cursos à noite para melhorar seu currículo, ficando o dia todo fora. Acrescenta que o mesmo acontece com Caio, que está cursando a faculdade, questionando-se “aonde entraria um filho” (sic).



No final, o casal se mostrou agradecido pela entrevista. Quando eu estava no elevador, Caio perguntou se eu já tinha filhos, mas Cora respondeu por mim, afirmando: “lógico que não, ela é muito nova!” (sic). Confirmando a impressão da esposa, Caio emendou “Você também tem muitos planos né?” (sic).

**CASAL D**

<b>Denise</b> <b>Sexo:</b> Feminino <b>Idade:</b> 26 anos <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior <b>Profissão:</b> Professora	<b>Danilo</b> <b>Sexo:</b> Masculino <b>Idade:</b> 26 anos <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior <b>Profissão:</b> Advogado
<b>Tempo de união:</b> 2 meses	

O encontro foi realizado na residência de Denise e Danilo e o casal elaborou o desfecho para a narrativa em conjunto, produzindo o seguinte diálogo:

- Renato, ainda somos muito jovens, temos 26 anos. Estou confusa, pois a pressão é grande. De um lado tem a família e os amigos querendo que tenhamos filhos agora, mas na empresa é diferente. O que você acha?
- Acho melhor adotarmos por enquanto um cachorro, pois assim vamos ter sempre uma companhia a mais em casa e também teremos a oportunidade de passear e curtir a vida de recém-casados. Penso que após os 30 anos podemos voltar a falar sobre o assunto e decidir o que é melhor.
- concordo com você, temos que aproveitar mais nossa vida de casados, porém quando o bebê vier ficarei muito feliz! Você sabe que esse é o meu sonho! Se acontecer antes do planejado, também será bem vindo.

## NARRATIVA DO ENCONTRO: DENISE E DANILO

Primeiramente, expliquei ao casal como seria nosso encontro; Danilo me parabenizou por estar fazendo a pesquisa com esse tema, argumentando que, hoje, a maior parte dos filhos nasce sem planejamento e que é muito importante investigar o que os casais pensam de tal assunto.

Após a leitura da narrativa, Denise perguntou se eles deveriam escrever apenas uma história ou cada um a sua. Eu disse que eles poderiam proceder da maneira que preferissem; Danilo, então, sugeriu que escrevessem uma só, alegando que a esposa sempre reclama de sua letra.

O casal combinou que escreveriam a sua história, que era para “fingir os personagens” (sic), alegando que Melissa e Renato, na verdade, os representavam. Danilo disse que, na história, não era dito a idade do casal e que, por isso, poderiam colocar a mesma idade que a deles, 26 anos. Ele participou ativamente da elaboração da narrativa, ditando para a esposa o que gostaria que fosse escrito.

O casal disse já ter estipulado que vão pensar em ter filhos após os 30 anos, pois essa será a idade em que já terão curtido a vida de casados. Além disso, por não ser tão tarde, referindo-se em especial à mulher, não se pode demorar muito devido à parte biológica. Denise avisou que não quer demorar muito para ser mãe, pois “não quero parecer avó de seus filhos” (sic).

O casal elaborou a narrativa tranquilamente, cada qual elaborando as próprias falas para o diálogo, concluindo, segundo Danilo, com um final feliz, em que o casal adia o planejamento de ter filhos para após os 30 anos. Denise brincou, após terminar a narrativa, dizendo que sua última fala seria “Vamos fazer um bebê?” (sic), dando risada. Nesse e em outros momentos, Denise

reiterava que “se viesse um bebê, seria bem vindo, pois ser mãe é o meu sonho” (sic).

Diferentemente da personagem da história, Denise disse que já tem o seu emprego e, por isso, não vive os dilemas entre maternidade e profissão. Alegando que o fato de trabalhar meio período já facilita, além de atuar no ambiente escolar, em que crianças são sempre bem vindas, dizendo que a equipe sempre fica muito feliz com a notícia de uma gravidez.

Além disso, afirmou que, quando tiver filhos, quer ela mesma cuidar, não deixando os cuidados a cargo das avós, pois “ter filhos para os outros cuidarem é fácil” (sic).

Danilo relatou que pensa em ser um pai participativo e que ajuda a esposa, “meu filho será meu companheiro para jogar videogame” (sic). Entretanto, ressaltou a importância do pai ser o provedor financeiro, afirmando que filhos dão gastos e trabalho e, por isso, teria que trabalhar mais após o nascimento do bebê.

O casal ressaltou que, como casaram recentemente, estão na fase de curtir a vida de casados e afirmaram sempre ouvir dos amigos que “depois de ter filhos, essa vida de curtição acaba” (sic). Eles deram exemplos da diferença de passeios com amigos que têm e não têm filhos, alegando que sempre tem que pensar em algum lugar que tenha brinquedos. Afirmando que “ter filhos muda muito a vida do casal” (sic).

No final do encontro, Danilo reafirmou a importância da pesquisa e me parabenizou. Ele fez diversas perguntas sobre como funcionava o mestrado e a pós-graduação, contando que quer fazer uma pós, mas que acha que vai

começar no próximo ano, mas não sabe se vale a pena fazer mestrado, pois não pensa em atuar na área acadêmica.

Senti, durante a entrevista, que o projeto de ter filhos, para esse casal, é algo sobre o que eles ainda não refletiram muito; como são recém-casados, estão muito mais próximos do planejamento do casamento do que do projeto de ter filhos, o que justifica, inclusive, que as “pressões” familiares e sociais ainda não estejam tão presentes. Tive a impressão que para Danilo a questão era simples, ainda é cedo e eles vão pensar nisso após os trinta anos. Já Denise ora apresentou discursos consonantes com as ideias do marido e ora deixou transparecer o seu desejo de ser mãe assim que possível.

Foi interessante notar a presença da ideia “se o bebê vier, será bem-vindo” (sic). Tal fala pareceu refletir a crença em algo mágico, como se os métodos anticoncepcionais não impedissem a concepção caso ela ocorresse por outros meios, o que possibilitaria a realização do desejo de Denise sem que esta se tornasse responsável por uma gravidez não planejada.

Além disso, achei muito interessante o estabelecimento da idade dos 30 anos, para que o casal comece a pensar no assunto. E quando questionados sobre o motivo pelo qual definiram essa idade, ambos alegaram que “até lá já teremos curtido a vida de casados” (sic). Os casais parecem ter a crença que, após ter filhos, a conjugalidade perde espaço e o exercício da parentalidade passa a ser a função primordial de um casal.

**CASAL E**

<p><b>Elisa</b>  <b>Sexo:</b> Feminino  <b>Idade:</b> 26 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Pedagoga</p>	<p><b>Eduardo</b>  <b>Sexo:</b> Masculino  <b>Idade:</b> 27 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Administrador de Empresas</p>
<p><b>Tempo de união:</b> 1 ano e 5 meses</p>	

O encontro foi realizado na residência do casal e os dois optaram por escrever a narrativa em conjunto, elaborando o seguinte desfecho:

Quando abriu a porta da sala, Renato estava à sua espera sentado no sofá, então ela resolveu ir logo ao assunto da possibilidade em ter um filho.

Após uma longa e exausta conversa, Renato apontou as dificuldades que teriam com a chegada de um filho, ressaltando o aspecto financeiro, a falta de tempo, emocional e a preocupação dos “tempos modernos”.

Mesmo com toda pressão familiar, Melissa adotou as ideias de Renato e resolveu adiar a chegada do primeiro filho, pois ela voltaria a pensar neste assunto quando estivesse certa, e não movida a vontade familiar.

Depois de alguns anos com as ideias mais maduras, o casal voltaram a repensar na tentativa de ter um filho. Ela já estava realizada profissionalmente e teve a certeza de que aquele era o momento ideal, pois não havia mais pressões familiares.

Nove meses depois...

Nasce os gêmeos Pedro e Paulo para alegria da avó Dona Ruth, e as perguntas persistiam... Quando vem o terceiro?

## NARRATIVA DO ENCONTRO: ELISA E EDUARDO

Expliquei ao casal os objetivos da pesquisa e Elisa se mostrou curiosa, perguntando como tinha tido a ideia do estudo. Depois de minhas explicações, ambos assinaram o termo de consentimento e iniciamos a leitura da narrativa. Elisa perguntou se deveriam escrever separados ou juntos, quando Eduardo sugeriu que escrevessem uma só história, argumentando que a esposa nunca entende sua letra.

Durante a elaboração da história, o casal conversou bastante. Eduardo queria que Melissa terminasse grávida, enquanto Elisa disse que não queria que a mesma engravidasse. Ele sugeriu que eles deveriam escrever algo próximo ao que estavam passando no momento, afirmando que a ideia era essa, eles usarem a história fictícia para contar a deles.

Eduardo ditou para a esposa o que gostaria que fosse escrito, mas essa realizou adaptações, escrevendo da forma que julgava adequada. A elaboração da narrativa levou algum tempo e Elisa chegou a verbalizar “achei que seria mais fácil” (sic). Ressaltei, nesse momento, que eles deveriam escrever livremente e Elisa disse que ela é muito cautelosa e que pensava demais. Percebi uma grande resistência da sua parte, ela se mostrou muito preocupada com erros ortográficos e gramaticais, sempre pensando e elaborando várias vezes antes de escrever.

Em alguns momentos, Elisa expressou alguns elementos da dinâmica conjugal enquanto escreviam a história, disse que o casal poderia engravidar quando o companheiro parasse de jogar futebol, referindo-se ao hábito do marido. Além disso, em determinado momento Eduardo sugeriu que escrevessem “eu acho...” (sic), ela disse que não poderiam escrever usando o

verbo achar, porque “quando se trata de filho não se pode achar, tem que ter certeza” (sic).

O casal concluiu a história com a personagem grávida de gêmeos; Eduardo sugeriu que escrevessem os herdeiros ao invés de filhos. Por fim, Elisa colocou filhos, mas a palavra escolhida por ele me transmitiu a ideia de continuidade de si através do filho, da noção de legado que posteriormente o próprio Eduardo apontou.

Quando finalizaram a história, Eduardo sugeriu que eu deveria levar a narrativa escrita por eles para o próximo casal participante completar, dizendo que gostaria de ver como os mesmos concluiriam. Depois que terminaram, o casal quis ler a história; Elisa leu em voz alta e os dois concordaram que a narrativa tinha ficado boa.

Iniciamos a conversa e o casal disse que tinha gostado de elaborar a história. Eduardo foi o que mais falou durante toda a conversa. Começou, primeiramente, dizendo que a pressão existe mesmo, mas que “o casal não pode dar bola” (sic), tomando as decisões baseadas nisso. Utilizou como exemplo a minha história, afirmando que eu sabia como era, pois namorava, e afirmou que “se fosse pela pressão social, provavelmente você já estaria casada e teria dez filhos” (sic).

Eduardo observou que eu usava aliança e, por isso, afirmou que eu namorava, achei interessante que, nesse momento, o casal me identificou com as mesmas angústias e pressões por eles enfrentadas, o que pode ter facilitado a expressão dos seus sentimentos durante o encontro.

Eduardo quis pontuar os motivos pelos quais optavam por não ter filhos no momento, afirmando que foram esses que eles quiseram mostrar na



história. Primeiramente, apontou os “dilemas modernos” (sic), dizendo que eles observam que a sociedade está cada vez mais consumista, o custo de vida está mais caro e que vigora a lógica do ter. Ele citou diversos exemplos, comparando o tempo em que era criança com as crianças de agora. Disse que, na sua época, assistia desenhos nos canais abertos e, hoje, as crianças assistem TV a cabo, que, no seu tempo, a pesquisa era feita na biblioteca pública e, hoje, a criança acessa a internet. Além disso, citou exemplos trazidos pela esposa do ambiente escolar em que trabalha, onde as crianças sofrem por não ter determinado objeto de consumo.

Em consonância com as ideias expressas pelo marido, Elisa disse que eles priorizam ter uma alimentação saudável, comprando óleo de canola, arroz orgânico e que tudo isso gera um custo muito alto. O casal afirmou se preocupar muito com tais questões, pois o que eles avaliam que deveria ser de acesso a toda população, na realidade, não é e custa muito caro para tê-los, aumentando ainda mais o custo tendo uma terceira pessoa na casa.

O segundo motivo apontado por Eduardo foi de ordem emocional. Relatou observar que muitos casais têm filhos almejando melhorar um problema conjugal, entretanto, isso não acontece e, por fim, acaba em divórcio. Chegou até a citar uma pesquisa que indicava que as taxas de divórcio ocorrem principalmente após o segundo filho. Elisa observa que “muitos casais simplesmente vão tendo os filhos” (sic), sem pensar nas implicações que esta conduta gera. Eduardo citou um exemplo de um casal de amigos que teve filhos logo após o casamento, concluindo que “foi a melhor coisa que aconteceu na vida deles, mas que teriam em outro momento se pudessem

escolher” (sic). O casal ressaltou que não quer ter tal pensamento quando tiver um filho, pois querem estar certos de que “o momento foi o adequado” (sic).

Eduardo citou alguns exemplos da sua dinâmica conjugal e afirmou que, se tivessem um filho nesse momento, o mesmo “iria criar problemas ao invés de uni-los” (sic), ressaltando que ainda existem muitas discordâncias entre os dois. Exemplificou afirmando que a vida do casal não deve se adaptar ao filho, mas o filho à sua vida, referindo-se principalmente à compra de bens que seriam superiores às possibilidades do casal, enquanto a esposa disse que ela não concorda e que acha que o casal deve se esforçar para proporcionar as coisas ao filho, pois vê em seu trabalho como as crianças sofrem.

Citaram, também, o exemplo das viagens. Eduardo disse que seus pais viajavam e deixavam-no e a seus irmãos em casa, alegando que, posteriormente, eles teriam sua vida e poderiam viajar. Elisa disse que sua mãe nunca a deixou, e que gostaria de fazer o mesmo com seu filho.

Fiquei pensando, nesse momento, que esse casal imagina que exista um momento em que terão certeza e que as diferenças entre eles terão desaparecido, como um momento mágico. A conjugalidade parece não ser vista como algo que está em contínua construção, mas algo que tem que estar solidificado para suportar a transição para a parentalidade.

O terceiro motivo apontado por Eduardo diz respeito às “questões do corpo feminino” (sic), indicando que Elisa é muito vaidosa e se preocupa com a forma do corpo após a gravidez. Ela negou veementemente as afirmações do marido, alegando que este não era um motivo, mas depois afirmou que percebe que a pele e o corpo das mulheres mudam muito após a gravidez,

ficando mais flácida, e termina por reconhecer: “tenho receio de como o meu corpo vai ficar” (sic).

Durante o período em que Eduardo falava, Elisa ia complementando as falas do marido e sempre demonstrando sinal de concordância com aquilo que ele dizia. Achei interessante que o casal pareceu já ter conversado muito sobre o assunto, apresentando falas elaboradas e com pontos de vista bem embasados, apesar do pouco tempo que têm de casados, sendo que, posteriormente, eles confirmaram que sempre conversam sobre ter filhos.

Sobre a conciliação da carreira com as tarefas domésticas e a criação dos filhos, Elisa disse que sua profissão facilita tal processo, afirmando que, diferentemente de alguém que trabalha em um ambiente empresarial, o ambiente escolar é mais tranquilo e aceita melhor a gravidez das funcionárias. Ela ressaltou que construiu uma carreira dentro da escola em que atua, o que permitiria pensar em ter filhos.

Elisa ressaltou que teria muita dificuldade em articular a dupla tarefa, contando-me um pouco da sua rotina e sobre como tem tido dificuldade em trabalhar, cuidar da casa e de si mesma, indo à academia, por exemplo. Ela destaca “não quero terceirizar o cuidado dos filhos” (sic), ressaltando seu desejo de cuidar do bebê e destacando que, mesmo nos serviços domésticos, demorou para aceitar o auxílio de uma empregada, pois, na verdade, gostaria de “dar conta de cuidar de tudo sozinha” (sic).

Elisa contou que uma das primeiras crises conjugais referiu-se à ajuda financeira nas despesas domésticas, afirmando que sempre teve seu salário só para si e que demorou para compreender que precisaria ajudar o marido em casa. Entretanto, ressaltou que ainda hoje paga os gastos extras, jantares e

viagens, sendo que a manutenção da casa fica sob a responsabilidade de Eduardo. Lembrei-me, nesse momento, de um texto que dizia que, mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho, essa ainda participa como uma auxiliar nas despesas domésticas, cabendo o papel de provedor ao homem.

Eduardo enfatizou que acredita que ter filhos faz parte da vida do casal e que acha que “a família começa com o casal, mas sua continuidade se dá através dos filhos” (sic). Senti que, para ele, a ideia de deixar um legado, um herdeiro, é algo muito forte. Ele também enfatizou que os dois têm o desejo de ter filhos e que percebe que Elisa “tem o dom para a maternidade” e que “será uma ótima mãe” (sic), pois vê o modo como ela lida com as crianças. O uso da palavra dom me chamou atenção, denotando toda a construção ao redor da maternidade e da figura feminina.

Elisa disse que, quando casaram, Eduardo queria muito ter filhos e que ela “teve que segurar as pontas” (sic), ou seja, através dos métodos contraceptivos a decisão de ter filhos ficou centralizada na figura feminina.

O casal finalizou afirmando que já estipularam que daqui a quatro anos vão ter um filho, sugerindo que eu voltasse no doutorado para conversar com eles sobre esse novo momento. Eduardo disse que acha que esse tempo é muito longo e que “gostaria de ter dois filhos daqui a quatro anos” (sic). Já ela enfatizou que não acha, afirmando que “esse período é até pouco” (sic).

**CASAL F**

<p><b>Fernanda</b>  <b>Sexo:</b> Feminino  <b>Idade:</b> 29 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Arquiteta</p>	<p><b>Fábio</b>  <b>Sexo:</b> Masculino  <b>Idade:</b> 25 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Professor</p>
<p><b>Tempo de união:</b> 7 anos</p>	

Fernanda e Fábio também optaram pela realização do encontro em sua residência, decidindo elaborar o desfecho para a narrativa individualmente. Cabe ressaltar que Fábio optou por adotar seus nomes reais, ao invés de utilizar o dos personagens. Assim, confeccionaram o seguinte material:

**Narrativa elaborada por Fernanda**

Melissa então falou para Renato que desde o início do relacionamento deixou claro que não teria filhos.

Renato aceitou, então os dois concordaram em não discutir mais o assunto e quando alguém pergunta-se porque não teriam filhos, simplesmente responderiam que não queriam. Ou perguntariam para a mesma pessoa que fez a pergunta, porque eles teriam que ter filhos? E com o passar dos anos e do relacionamento essa questão foi ficando menos importante e eles foram percebendo que realmente não havia lugar para filhos naquela relação.

### **Narrativa elaborada por Fábio**

Chegando em casa, Fernanda tratou logo de resolver o assunto. Foi bem clara ao dizer que nunca vai querer ter filhos. Seus motivos principais são o fato de não gostar de criança e de ter medo de gerar a criança.

Já Fábio, independente dos motivos apresentados por ela, sabe que não tem tempo nem para ele mesmo, quanto mais para dar atenção a um filho.

Sendo assim, não pretendem ter filhos, com pressão ou não dos amigos e familiares, que já estão cientes da escolha.

### **NARRATIVA DO ENCONTRO: FÁBIO E FERNANDA**

O encontro com o casal foi rápido, senti dificuldade em desenvolver a entrevista, pois eles apresentavam respostas breves e definidas para minhas questões. Essas me pareceram respostas prontas e que, por não oferecerem espaço para reflexão, pareciam denotar um posicionamento defensivo em relação à temática.

Após a leitura da narrativa, Fábio frisou que tal história não teria continuação, pois Fernanda nunca ia chegar e conversar com ele sobre filhos. Ela confirma dizendo que ele saberia que “ela estava louca caso quisesse conversar” (sic).

Fábio me explicou que Fernanda não quer ter filhos e tem medo de engravidar e que, por isso, eles nunca sentaram e conversaram sobre o assunto. Inicialmente, o casal achou que iriam contar a história oralmente e não escrever. Ofereço-me para escrever enquanto eles ditavam, mas os dois preferiram escrever, elaborando cada um a sua narrativa. Fábio questionou se

teria que utilizar os nomes dos personagens da narrativa e, quando eu disse que ele poderia escolher, preferiu dar continuidade à história com os seus próprios nomes.

Fernanda se mostrou preocupada caso tivesse que “mostrar a narrativa” (sic). Disse-lhe que apenas se ela quisesse. Ela queria ler a que o marido estava escrevendo, mas ele não a deixou ver de maneira alguma. Assim, quando os dois terminaram, entregaram-me a folha sem deixar o outro ver.

Após terminarem, perguntei o que eles tinham achado e Fábio me disse que escreveu o que eles pensam: “Eles não querem ter filhos e ponto” (sic). Fernanda concordou com o marido e disse que ela não quer e acha que ele também não, pois o mesmo trabalha com crianças e não gostaria de chegar em casa e encontrar mais crianças. Ela ressaltou que acha as “crianças lindas” (sic), mas na casa dos outros e que, muitas vezes, fica irritada com o filho do vizinho e que não imagina como poderia cuidar de um filho seu.

Fernanda comentou que eles não vivenciam as pressões por parte da família, que, inclusive, sua mãe a apoia na sua escolha e a mãe de Fábio tem um filho pequeno e, por isso, não sente falta de netos. Por outro lado, ressaltou que, por parte dos amigos, a “pressão incomoda” (sic).

Ela percebe que, quando afirma não querer ter filhos, as pessoas costumam reagir negativamente, atribuindo esse posicionamento ao fato dela ser jovem. Entretanto, a participante resalta que mantém a mesma opinião desde os dezoito anos de idade. Fernanda afirma ser esta uma decisão final, já comunicada ao marido: “você pode ter quantos filhos quiser, mas com outra mulher” (sic).

Tive a impressão de que, durante o encontro, Fernanda apresentava um riso nervoso, chegando a afirmar, em alguns momentos, que achava engraçadas as situações que vivenciava. Apesar de acreditar que aborda o assunto naturalmente, senti sua dificuldade de falar sobre ele.

O casal revela que nunca sentaram e conversaram sobre o assunto, mas que “um sabe a posição do outro” (sic). Fábio disse que nem se ele quisesse, a esposa não quer e, por isso, lida tranquilamente com a questão.

Fernanda ressaltou que “pode ser egoísmo da minha parte” (sic), mas que gosta de sair, ir para a balada, acampar, ficar deitada vendo TV e não ter que levantar para fazer mamadeira, e conclui: “não quero perder tudo isso” (sic). Acrescenta que “pai não ajuda” e que “sobra tudo para a mulher” (sic).

Perguntei a Fábio o que ele achava, ele disse que não concordava e que ajudaria sim, mas como ela não quer, “não tem muito o que ficar falando” (sic).

Fernanda relatou que sua irmã teve um filho aos 16 anos e ela acompanhou de perto “todo o sofrimento e trabalho que uma criança dá” (sic) e que decidiu que não gostaria de passar por aquilo. Lembra que a irmã nem cuidou dos filhos e que foi sua mãe que criou os netos.

Conversamos um pouco sobre as concepções relacionadas a casais que não têm filhos, que os mesmos ficam sozinhos, Fernanda disse que já ouviu isso de algumas pessoas, mas acredita que é “um pensamento de uma geração mais velha” (sic). Já Fábio cita que já viu muito idoso que, embora tenha muitos filhos, termina sozinho.

Fernanda conta que se previne para não ter filhos e que, se um dia engravidar, fará um aborto, supondo que eu ficaria brava por essa afirmação. Ela disse que não sabe onde poderia fazer, mas que descobriria, pois “não



teria o filho de maneira nenhuma” (sic). Senti, nesse momento, a necessidade de reafirmar para ela que minha posição ali não era de julgar e ter preconceitos e que gostaria que ficasse tranquila quanto a isso.

Finalizamos a entrevista e combinei com o casal de combinar para mostrar para eles o resultado. Devido ao posicionamento defensivo do casal, senti uma necessidade de me mostrar acolhedora e receptiva, emergindo um receio de que eles tivessem ficados incomodados com a entrevista. Aliás, tive essa sensação desde o contato telefônico com Fernanda, quando achei que ela não iria participar, pois, quando falei sobre o tema da pesquisa, percebi um tom diferente em sua voz, o que me provocou fantasias desde esse momento, chegando a imaginar que o casal pudesse ser estéril.

Quando saímos, vi que o casal tinha uma criação de passarinhos. Fernanda me mostrou o espaço, relatando que Fábio é quem cuida, principalmente. Ela explica que eles ainda têm sete cachorros e que eles adoram animais. Tal fato me intrigou, como um casal que gosta tanto de cuidar de tantos animais demonstra tamanha resistência ao abordar a questão de ter filhos. Fui embora pensando na sala cheia de passarinhos.

**CASAL G**

<p><b>Giovana</b>  <b>Sexo:</b> Feminino  <b>Idade:</b> 37 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Costureira</p>	<p><b>Gabriel</b>  <b>Sexo:</b> Masculino  <b>Idade:</b> 30 anos  <b>Escolaridade:</b> Ensino Superior  <b>Profissão:</b> Tecnólogo</p>
<p><b>Tempo de união:</b> 8 anos</p>	

O encontro foi realizado na residência do casal, sendo que Giovana optou por fazer a narrativa individualmente, decisão essa acatada por Gabriel. Os participantes produziram o seguinte material:

**Narrativa elaborada por Gabriel**

Após conversarem ambos concordaram que mesmo jovem deveriam ponderar sobre ter filhos visto que essa decisão iria modificar completamente o modo atual com que eles levavam a vida juntos.

**Narrativa elaborada por Giovana**

Ao conversarem, os dois chegaram a um consenso de que, apesar da pressão da família e da sociedade, ~~ainda~~ eram muito jovens e ainda tinham bastante tempo para pensar sobre isso.

Ambos queriam mais realização profissional, e decidiram investir ~~mais~~ primeiro nessa etapa, que conseqüentemente traria ~~um~~ mais estabilidade financeira, o que facilitaria uma decisão futura de terem filhos ou não.

## NARRATIVA DO ENCONTRO: GIOVANA E GABRIEL

Apresentei o termo e o procedimento ao casal, ambos se mostraram receptivos. Durante a leitura da narrativa, o casal sorria, como se a história trouxesse muitos elementos de sua experiência pessoal. Ao final da leitura, Giovana disse “é exatamente isso que acontece” (sic).

O casal se entreolhou e nenhum dos dois se decidia a escrever a narrativa. Giovana perguntou se cada um teria que fazer a sua, mas quando eu lhes disse que poderiam escolher Gabriel disse que preferia fazer uma só, pois eu não entenderia a sua letra. Giovana concordou, inicialmente, mas logo depois disse que preferia que fizessem separados. O marido assentiu, acatando sua opinião. Nesse momento, senti Giovana possibilitando ao marido assumir um papel mais ativo na entrevista, o que poderia não ocorrer, caso ela assumisse a escrita da história.

Giovana começou a escrever rapidamente, sendo que Gabriel levou algum tempo para elaborar a história. Durante a escrita, o casal não trocou ideias, fazendo separadamente toda a história.

Ao final, Gabriel quis que a esposa lesse a sua história, ela leu e disse que a sua tinha ido pelo mesmo caminho, mas com outras palavras, entregando a narrativa ao marido para que o mesmo lesse. Achei interessante cada um lendo a história do outro em silêncio, não compartilhando comigo o que tinham escrito.

Após concluírem a leitura, perguntei o que eles tinham achado. Giovana começou afirmando que era exatamente isso que acontecia, que eles sofriam muita pressão, que sempre perguntavam quando ela vai ter o “baby”, principalmente os amigos e suas clientes. Ela também percebe que o fato de

ainda não terem filhos é interpretado pelas pessoas como um problema de esterilidade, sendo sempre questionada a esse respeito.

Em relação à família, os dois afirmaram que a mãe de Gabriel é muito tranquila e não tem esse tipo de cobrança. Achei interessante que os dois relacionaram a pergunta em relação a familiares exclusivamente aos seus pais; no caso, a mãe dele é a única ainda viva. Gabriel disse que “com o homem a pressão é mais tranquila” (sic) e que, apesar dos casais de amigos comentarem, ele sente que para “a mulher é mais difícil” (sic).

Como o casal está junto há oito anos, perguntei a eles como sentiam essa pressão com o passar do tempo. Giovana disse que ficava maior e que, no seu caso, como ela está envelhecendo, existia ainda a pressão por causa da idade. Ela recebeu de sua ginecologista a notícia de que 2014 é o ano em que terão que tomar essa decisão, em função da idade em que ainda podem ter filhos sem ser uma gestação de risco para ela ou o bebê.

Giovana comentou que é a “decisão mais difícil que já tomou” (sic) e me pareceu, nesse momento, estar muito sensibilizada, com os olhos marejados. Disse que qualquer decisão na vida envolve escolhas, mas que, se for um emprego e você não gostar, você pode retornar ao emprego anterior, mas um filho não, um filho envolve muito mais coisas. Ressalta que ter um filho não é igual a comprar uma calça *jeans* que, caso você não goste, você devolve.

O casal relatou que Gabriel já foi à médica com a esposa e que já conversaram com ela sobre ter filhos, enfatizando que “esse ano terão que decidir” (sic).

Giovana disse que os dois têm muitas dúvidas em relação ao projeto de ter ou não filhos, o que, segundo ela, até ajuda, pois não existe a pressão de

nenhum dos lados, já que os dois afirmam ainda não saber o que fazer. Ela contou histórias de casais conhecidos em que existia o desejo da esposa de ser mãe e que essa afirmava para o marido que pararia de tomar a pílula sem ele saber, caso ele não quisesse ser pai. Na outra história relatada, conta que o marido queria ser pai e que afirmava para sua esposa que, caso ela não quisesse, encontraria outra mulher que aceitasse ter um filho seu.

Gabriel comentou que já está muito acostumado com o ritmo de vida do casal e que sabe que ter um filho mudaria tudo, o que ele não sabe se quer. Deu um exemplo simples, afirmando que uma ida ao mercado não aconteceria mais com tanta tranquilidade. Além disso, Giovana ressaltou que o marido teria que largar um dos seus empregos, pois ela não quer que “ele saia com o filho dormindo e chegue depois que o bebê já dormiu” (sic). Atualmente, Gabriel trabalha 14 horas por dia e Giovana afirmou trabalhar muitas vezes até às 23h da noite, já que trabalha em casa. O ritmo de vida do casal me pareceu muito atribulado e os mesmos afirmaram que trabalham tanto por estarem construindo e quererem finalizar a sua casa o quanto antes, o que estava previsto para acontecer até meados de 2014.

Giovana admite que muitas das dúvidas que eles têm referem-se ao “egoísmo do casal” (sic), eles não querem dividir o tempo, afirmando que, quando ficam juntos, não têm com o que se preocupar, o que não aconteceria caso tivessem filhos. O esposo acrescenta que, mesmo passada a dependência inicial, a criança sempre traria preocupações e exigiria cuidados.

Achei interessante que os dois apresentaram a ideia de que o fato de estarem juntos há bastante tempo, dificulta o projeto de ter filhos, afirmando que casais que casam grávidos devem lidar melhor com isso, pois ainda não

têm uma vida a dois que tem que se transformar em uma vida a três. Pensei, nesse momento, que um dos receios dos casais se refere à impossibilidade de vivenciar a conjugalidade dentro da parentalidade.

Além disso, Gabriel comentou que a opção de não ter filhos ainda não é algo facilmente aceito, já que, apesar de existir um discurso, ele disse que, na prática, todos os casais que conhecem têm filhos, como um ciclo natural. Destacaram que apenas um casal conhecido não tem filhos, entretanto, Giovana fez questão de ressaltar que o casal sem filhos passa muito tempo, principalmente a esposa, se ocupando com os problemas dos irmãos e sobrinhos, pois ela não tem com o que se preocupar. Nesse momento, senti, a partir do discurso dela, a ideia de que “um casal sem filhos tem a vida vazia”.

Além das questões relacionadas às transformações no relacionamento, Giovana afirmou que as questões relacionadas à educação também a preocupam. Como ela vê muitas crianças que não respeitam suas mães, afirma que seria bem rígida caso tivesse um filho, ressaltando as diferenças em relação ao estilo do esposo. Citando exemplos relacionados à sobrinha, ela destacou que a menina de três anos gosta de brincar com as bobinas de sua máquina de costura e que ela permite desde que no final a menina guarde. Ela comenta que o esposo não se importa e, muitas vezes, guarda a bagunça deixada pela menina, algo com que ela não concorda; citou como exemplo, também, que a sobrinha gosta de pular na cama, o que faz muitas vezes calçando um sapato. Giovana disse que, por causa disso, obviamente a criança gosta mais do tio do que dela, o que me fez sentir, nesse momento, um grande receio de sua parte de que seu filho venha a amar mais o pai.

Perguntei para ela como tinha sido sua criação, ela comentou que havia sido rígida, mas ressaltou que o pai tinha autoridade, mas não batia, ao contrário da mãe, que batia e tinha menos autoridade que seu pai. Destacou um episódio em que o pai a proibiu de dançar quadrilha com uma saia, pois a mesma estava muito curta; disse que a mãe mandou fazer uma saia até o pé para ela e disse: “Você sai de casa com essa saia, ao chegar lá, você coloca a outra”. Giovana me pareceu, em seu relato, demonstrar que a mãe era mais flexível que seu pai e que essa sempre dava um jeitinho. Gabriel, ao contar de sua criação, afirmou que tinha sido muito diferente e que, para ele, se tratava “de ter liberdade com responsabilidade” (sic), comentou que era escoteiro e que isso ocupava sua rotina.

O casal demonstrou ter uma necessidade muito grande de controle, assim, as dúvidas em relação a como será o filho parecem impossíveis de serem articuladas, já que eles gostariam de ter garantias que o filho seria bem educado, não se envolveria com drogas e respeitaria os pais. Giovana chegou até a me questionar sobre o porquê de dois filhos criados pelos mesmos pais serem tão diferentes; ao responder para ela, disse que o controle dessa forma que eles imaginam não é possível. Ela afirmou que, se tivesse garantias de que o filho seria bonzinho como sua sogra relata que seu marido foi, não hesitaria em engravidar. Achei muito interessante tal colocação, pois a criança descrita por ela remetia a uma criança que ficava o dia todo em frente à televisão, assistindo a Castelo Rá-Tim-Bum e deixava a mãe fazer tudo que precisava sem incomodar, como se não existisse.

Perguntei ao casal se eles tinham algo a acrescentar e Giovana fez questão de enfatizar que adora crianças. Pareceu-me, nesse momento, que,

após desabafar e expor tantas coisas, ela quis evitar que eu fizesse julgamentos sobre ela. Chegou a enfatizar que não sabia se sua fala tinha transparecido o fato dela ter receio de que a criança gostasse mais do pai do que dela, mas que não era isso não.

Giovana me pareceu muito aflita em relação à temática, especialmente pelo momento que está vivenciando e o fato de ter que, ainda em 2014, tomar uma decisão. Ela ficou o tempo todo com as duas canetas utilizadas durante a escrita da narrativa nas mãos, girando, apertando, torcendo. Achei que a entrevista foi positiva no sentido de amenizar as angústias do casal, sendo que a escuta e o acolhimento mostrou-se fundamental nesse momento especial.



## 5. CAMPOS DE SENTIDOS AFETIVO-EMOCIONAIS

A partir do material narrativo produzido nos encontros com os casais, iniciamos a análise interpretativa em busca dos sentidos afetivo-emocionais veiculados pelos participantes no que se refere ao projeto de ter filhos.

Ao adotar a perspectiva psicanalítica, compreendemos as Narrativas Interativas como expressão da associação livre dos participantes, enquanto as narrativas do encontro refletem tanto o trabalho de atenção flutuante da pesquisadora, quanto sua reflexão sobre o campo transferencial instaurado.

Os sentidos produzidos a partir da articulação entre as produções narrativas dos participantes e da pesquisadora foram organizados em campos de sentido afetivo-emocionais que representam, segundo as considerações de Herrmann (2004), “uma zona psíquica bem definida, responsável pela imposição das regras que organizam todas as relações que aí se dão; é uma parte do psiquismo em ação, tanto do psiquismo individual, como da psique social e da cultura (p. 59)”.

A cada campo de sentido criado/encontrado atribuímos um título emblemático, de modo a organizar os sentidos que se produzem em torno do conflito apresentado ao participante em termos de seu contexto dramático. Interpretar o material narrativo em campos permite que nos aproximemos do modo de compreender, sentir e agir dos participantes frente ao projeto de ter filhos, discutindo-os à luz da teorização winnicottiana e da produção científica relacionada.

Assim, seguimos apresentando os campos organizadores dos sentidos afetivo-emocionais atribuídos por nossos participantes ao projeto de ter filhos na contemporaneidade.

## **Momento certo**

O campo do “Momento certo” reúne as produções dos participantes que aludem à existência de um momento ideal para ter filhos, situado em um futuro distante e, portanto incompatível com o que estão vivendo hoje. Tal concepção nos conduz à questão do que, afinal, tornaria certo o momento para ter filhos? Em busca de respostas, nos deparamos com um cenário identificado como propício para ter filhos cuja ênfase recai sobre conquistas concretas, como o desenvolvimento profissional, a estabilidade financeira e a aquisição de bens materiais.

Vários estudos focalizam os elementos que conduzem a escolha, seja de homens, mulheres ou casais, para ter o primeiro filho (Cooke, Mils & Lavender, 2010; Gauthier & Montigny, 2013; Hollos & Bernardi, 2009; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011; Thompson, Lee & Adams, 2013). Alinhados com os resultados desses estudos, também observamos a relevância de aspectos relacionados à segurança financeira, desenvolvimento da carreira e aquisição da casa própria para a tomada de decisão de ter filhos. Em contrapartida, nossos participantes não mencionam questões afetivo-emocionais, pelo menos conscientemente, como o desejo de tornar-se pai, aspectos conjugais envolvidos em tal processo e maturidade pessoal e conjugal para assumir a função parental, como apontado pelas pesquisas acima.

Dentre nossos participantes, foram escassas as referências aos aspectos emocionais envolvidos nesse processo de escolha, o que nos surpreendeu ao apresentarem um discurso extremamente racional, em que o projeto de ter filhos remetia majoritariamente a aspectos concretos, assemelhando-se a um planejamento estratégico que não incluía afeto ou

preparação. Tal fato está em consonância com as proposições de Vilhena, Bittencourt, Novaes e Zamora (2013) sobre como na contemporaneidade os valores relacionados à produtividade são incorporados nos relacionamentos afetivos, passando a ser subjugados por esses, o que para Neves, Dias e Paravidini (2013) impele os indivíduos a querer ser e ter sempre mais.

Para ilustrar a racionalização como o recurso prioritariamente utilizado pelos casais participantes, apresentamos o desfecho elaborado por Bianca para a narrativa como exemplo: “antes de ter o primeiro filho precisavam fazer algumas coisas, mudar para um apartamento maior, ter uma poupança ou pé de meia para poder receber bem essa criança” (sic), enquanto Bruno, seu parceiro, acrescenta que “se almejava um crescimento profissional, poderiam aguardar mais alguns anos” (sic).

Cora também enfatiza os planos do casal, enumerando “planos de quitar o apartamento, trocar de carro, viajar para o exterior e comprar uma casa” (sic), concluindo que “ainda temos muitos objetivos para serem alcançados” (sic).

A quantidade de itens enumerados pelos casais nos fez refletir acerca do tempo que seria necessário para essas realizações, bem como da necessidade de tantas aquisições para que os casais possam sentir-se prontos. Os participantes almejam realizar-se nas diversas áreas antes de se tornar pais, o que parece indicar a existência de um temor de que as necessidades individuais e conjugais deixem de ser atendidas devido às demandas advindas da futura experiência parental.

As colocações de Hollos e Bernardi (2009) enfatizam que o alcance de todas as pré-condições enumeradas pelos casais conduzem ao adiamento da parentalidade, o que é interpretado por esses como uma estratégia

responsável (Thompson, Lee & Adams, 2013), embora conduza a um cenário em que resta pouco espaço para a reflexão sobre as questões parentais, inclusive no que se refere às questões reprodutivas, que acabam sendo desconsideradas pelos casais contemporâneos.

Anita e Arnaldo mencionam “o problema da idade” (sic), ao se referirem às dificuldades na concepção que podem surgir caso adiem demasiadamente a decisão de ter filhos. O casal D também considera a influência de tal questão na decisão, quando Denise afirma “não quero parecer avó dos meus filhos” (sic). Entretanto, a conduta de adiamento da parentalidade sugere o controle imaginado acerca dos aspectos biológicos que parece prevalecer na atualidade devido aos avanços da medicina. Cooke, Mills e Lavender (2010) evidenciam que as mulheres adiam a maternidade aparentando estar informadas sobre os riscos envolvidos, quando, na realidade, mostram-se desinformadas acerca das particularidades de uma gravidez tardia.

Além disso, o “momento certo” mostra-se permeado por idealizações, já que os casais parecem assumir que existe um ponto em que cessam as divergências no relacionamento conjugal e se abre um campo de possibilidades para que emerjam como pais. Elisa e Eduardo abordam tal questão em sua narrativa: “Ela já estava realizada profissionalmente e teve a certeza de que aquele era o momento ideal, pois não havia pressões familiares” (sic). Durante a elaboração da história, Elisa repreende Eduardo quando este propõe utilizarem o verbo “achar” na fala de um dos personagens, pontuando “quando se trata do filho, não se pode achar, tem que ter certeza” (sic).

Tais indagações nos remetem às afirmações de Travassos-Rodriguez e Féres-Carneiro (2013), que apontam a dificuldade de conciliação entre o exercício profissional e a maternidade, o que pode ser ampliado, em nosso caso, para a parentalidade, se desvinculada de idealizações. Assim, como as autoras, nos questionamos sobre como os casais integrarão as novas funções parentais, dado o alto nível de satisfação que encontram no âmbito pessoal e profissional, o que pode intensificar a ambivalência acerca do novo papel.

Em meio a essas considerações, nos interrogamos acerca do espaço que a fantasia e o sonho ocupam dentro do cenário conjugal. Retornando a Winnicott (1999a/1970), destacamos a importância da experiência cultural, área intermediária de encontro das realidades externa e interna, que se caracteriza como espaço de descanso das demandas impostas pela vida (Granato, 2002).

Na direção oposta, o projeto parental parece relacionar-se mais a aspectos concretos do viver, sendo o espaço lúdico em que os casais sonhariam e esboçariam a parentalidade futura preenchido por objetos materiais. Talvez, ao enfatizarem apenas uma face dessa experiência, detendo-se em um conjunto de requisitos práticos que se sobrepõe à imprevisibilidade da nova experiência, os participantes estejam apenas se defendendo do novo e do impalpável, agarrando-se ao “certo”.

Ao abordar o cenário conjugal, Winnicott (1999a/1970) considera que esse pode vir a constituir-se como campo de ampliação para o viver criativo, advertindo quanto à possibilidade de um choque entre os impulsos pessoais e os compromissos inerentes a esse tipo de relação. Dialogando com autores contemporâneos, encontramos a referência ao contexto contemporâneo que amplifica tais questões, ao propor aos casais um paradoxo que de um lado

ênfatiza o individualismo, mas de outro oferece modelos idealizados de conduta conjugal e parental (Gomes & Paiva, 2003; Gomes & Rios, 2009; Neves, Dias & Paravidini, 2013; Nunes, 2011).

Winnicott (1999b/1967) destaca ainda que a saúde remete à possibilidade do indivíduo conviver com dúvidas, frustrações e sentimentos conflituosos, assumindo a responsabilidade por seus êxitos e falhas. As narrativas dos casais participantes parecem indicar dificuldades para lidar com frustrações, ambiguidades e a ambivalência que, em face das exigências sociais, são potencializadas diante da nova função a ser construída. Percebemos, com Gomes & Paiva (2003), que os relacionamentos conjugais são marcados por certo grau de imaturidade emocional, o que se alinha com o narcisismo contemporâneo.

Sublinhando a importância da relação saudável entre o ser e o fazer para a integração do eu, a interrelação psicossomática e a capacidade de realização no mundo (Winnicott, 2000/1945), destacamos que as demandas do mundo contemporâneo se assentam sobre o fazer, o que implica, muitas vezes, uma fragilidade no território do ser (Vilhena, Bittencourt, Novaes & Zamora, 2013). Assim, supomos que o excessivo planejamento da vida pessoal e conjugal, aliado à contínua aquisição de bens materiais, aponta para uma defesa contra o caos que o imprevisível parece instaurar na vida desses casais, que passam a se sentir insuficientemente preparados para a vida.

## **Se vier, será bem-vindo**

Esse campo expressa o desfecho imaginado pelos participantes para uma gravidez que ocorre fora das circunstâncias idealizadas. Ao remeter ao discurso socialmente aceito da parentalidade, ou seja, a construção social que, por vezes, veta a reflexão acerca dessa escolha, também reflete a ambivalência dos casais em relação ao desejo de se tornarem pais em meio a outras prioridades.

O trecho final da narrativa elaborada por Caio e Cora expressa o conflito entre o desejo de organizar meticulosamente a vida, tendo controle sobre ela, e o desejo de relaxar e deixar que a vida aconteça: “somos novos ainda, temos bastante objetivo e não temos condição de ter um filho agora de maneira planejada, mais se Deus mandar com certeza será aceito, mais no momento vamos continuar focado na nossa vida” (sic). Em meio a um discurso que prioriza aspectos como o desenvolvimento profissional e a estabilidade financeira, a expressão “se vier, será bem-vindo” pareceu viabilizar a emergência do desejo relacionado a ter filhos que não encontra outras vias para se expressar.

o desejo é que sustenta a vida, o que move o sujeito para a vida. Essa moção para a vida é uma potencialidade que permite ao sujeito querer alguma coisa, mas não é de imediato um querer. O desejo é condição de possibilidade para o querer. Mas o desejo só se torna específico dentro da história emocional de cada um, que é vivida, por sua vez, em um determinado contexto histórico e cultural. (Nunes, 2011, p.111)

Essa invisibilidade do desejo de ter filhos nos interroga sobre suas formas de manifestação no cenário contemporâneo, visto a prevalência de um discurso que, apesar de ter sofrido transformações, ainda idealiza a figura materna, que se mostra onipotente e onipresente, e posiciona o pai, muitas vezes, como frágil ou ausente (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013; Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011; Granato, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011).

O descompasso entre as expectativas sociais e aquilo que é vivenciado pelos casais também é tratado por Tachibana, Santos e Duarte (2006) que destacam que, a despeito da crítica às concepções que conduzem à noção de instinto materno, ainda torna-se complexo distinguir o que representa o desejo do indivíduo e o que representa a vontade oriunda do apelo social.

Em meio a expectativas sociais que parecem atender a uma demanda de produtivismo no mundo do trabalho, viver autenticamente segundo os próprios princípios éticos e morais parece tornar-se um desafio. Dessa forma, a gravidez não planejada parece representar para os participantes a solução do conflito em que estão imersos, já que os desobriga de cumprir todo o rol de condições que estabeleceram como necessários para ter filhos.

A aparente liberdade divulgada pelos ideais contemporâneos trazem em seu bojo diversas exigências que, na verdade, produzem confusão e angústia ao criarem demandas idealizadas não só dos papéis parentais, mas, também, nos outros âmbitos da vida. Concordamos com Nunes (2011), que expõe a prevalência do sentimento de culpa nos casais, independentemente de suas escolhas, pois na medida em que adotam o ideal contemporâneo como referência, ou se sentem incapazes de atingi-lo ou resistem em assumi-lo, o que também produz sofrimento.



Mobilizados emocionalmente pela Narrativa Interativa, os casais C e D superam a resistência a entrar em contato com o desejo de ter filhos, ainda que temporariamente, para logo retomar o discurso padrão. Caio sugere a Cora que escrevam “Melissa, se você topa, eu topo” (sic) e completa, “Você está grávida?” (sic) para, em seguida, rir e descartar sua proposta como se fosse apenas brincadeira. No casal D é Denise que sugere a Danilo finalizar a história com o desfecho “Vamos fazer um bebê?” (sic), gargalhando e desconsiderando o que poderia ser um convite. Vale ressaltar aqui a dinâmica conjugal na manutenção do status quo, quando um dos membros do casal expressa o desejo e o outro atua defensivamente, desconsiderando-o.

Cora ressalta que “se é a hora, nada vai impedir e o bebê vem” (sic), ao referir-se à concepção que parece ocorrer de forma mágica, já que nem mesmo os métodos contraceptivos são capazes de evitar. Parece-nos que os motivos conscientes contrários à gravidez assumem uma dimensão tão grandiosa e imperativa que será somente pelas vias inconscientes que o casal poderá usufruir dessa experiência.

Dessa forma, os sentidos afetivo-emocionais veiculados por esse campo apontam para a complexa relação em que se enreda o projeto de ter um filho. Se, por um lado, falamos de desejo, do outro, esbarramos em necessidades e limitações impostas pelo mundo compartilhado, que se articula em cada casal e em cada indivíduo de modo singular.

## **Velhos pais, novos pais**

A partir das entrevistas que ocorreram após a apresentação da Narrativa Interativa, pudemos perceber as contradições e as dificuldades inerentes à convivência de um modelo familiar tradicional que ainda orienta os papéis parentais no sentido da formação de uma família nuclear e as novas configurações que surgem para atender aos ideais contemporâneos. Conciliar a vida profissional e familiar, para além da questão da dupla jornada feminina, mostrou-se também uma tarefa conflituosa para os casais participantes, já que enquanto a mulher almeja a realização profissional, o homem busca na vida doméstica, especialmente no cuidado dos filhos, um novo espaço para realizar-se (Borges & Magalhães, 2013).

No que se refere às expectativas sociais, Nunes (2011) destaca que a mulher contemporânea atende a um ideal que prevê que ela seja “bonita, magra de preferência, bem-sucedida profissional e financeiramente ao mesmo tempo em que é mãe e esposa dedicada” (p. 122). Tal panorama submete a mulher a um conjunto de exigências que, banalizadas como cotidiano feminino, impedem que se reflita acerca das construções sociais em torno do papel materno (Aguar, Silveira & Dourado, 2011).

Bianca traz, em seu discurso, a imagem da mulher “super atribulada” como natural, trazendo exemplos que observa na empresa em que trabalha, em que as mulheres conciliam vida profissional e familiar, afirmando que esse “não é mais um desafio” (sic). Entretanto, o discurso chama atenção ao priorizar a racionalidade e o pragmatismo, em detrimento das questões emocionais inerentes ao processo de tornar-se mãe.

As participantes mostraram-se imersas na rede de significações produzidas pelo ideal contemporâneo, como Anita que fala da impossibilidade de conciliar a maternidade com sua rotina atual, visto que trabalha em dois empregos, almejando atingir a estabilidade profissional para depois ter um filho. Elisa afirma “não quero terceirizar os cuidados com o meu filho” (sic), destacando que quer “dar conta de tudo sozinha” (sic) tanto na esfera privada, isto é, nas tarefas domésticas e cuidados ao futuro filho, quanto na vida pública, pois espera ser bem-sucedida em ambas.

As questões estéticas também foram exaltadas pelas participantes, que destacaram o receio de sofrer transformações corporais permanentes após a gestação e o parto. Cora, por exemplo, afirma que tem “muito medo de ficar gorda, cheia de estrias” (sic), enquanto Elisa reconhece que tem “muito receio de como o corpo vai ficar”, apontando para a frustração das próprias expectativas de controle caso a vida se tornasse imprevisível. Aqui a maternidade parece ser situada na categoria do imprevisível e, portanto, evento sinalizador de sofrimento, o qual pode ser evitado pelo seu adiamento.

Apesar de apresentarem um discurso que enfatiza a independência e o desenvolvimento profissional, nossas participantes trouxeram colocações que demonstraram a persistência de noções naturalizantes que conduzem à ideia de instinto materno. Anita destaca que “tem coisas que só mãe sabe”, sendo que afirmações como a de Eduardo, quando diz que “Elisa tem o dom para a maternidade, será uma ótima mãe” (sic) corroboram a concepção da maternidade como instintiva.

No que se refere à figura masculina, nos apoiamos nas colocações de Thompson, Lee e Adams (2013) para destacar os conflitos provenientes da

coexistência dos modelos de paternidade tradicional e moderno. Enquanto o primeiro prioriza o pai provedor, responsável pelos recursos financeiros, o segundo destaca a importância do pai participativo, que se envolve afetivamente nos cuidados do filho.

O discurso de Danilo transparece tal embate, quando afirma “meu filho será meu companheiro para jogar videogame” (sic), evidenciando a constituição de um pai que se imagina mais próximo ao filho. No entanto, Danilo percebe que “terei que trabalhar mais após o nascimento do filho” (sic), o que revela a necessidade de assumir o papel de provedor material, que o manteria afastado do espaço de cuidado. Similarmente ao conflito materno quanto a priorizar o trabalho ou a família, o novo pai parece estar adentrando essa mesma zona de desconforto.

Também Bruno evidencia seu anseio por ser um pai participativo e que tenha mais tempo em sua rotina para desfrutar de um maior convívio com o filho, mas paradoxalmente finaliza sua narrativa afirmando: “Melissa concilia a vida profissional e pessoal com a ajuda dos avós sem problema”, o que nos leva a questionar onde estaria o pai nesse contexto.

Observamos que, contrária à rigidez dos papéis sociais vigentes outrora, a flexibilidade imperante na contemporaneidade apresenta-se para os casais como fonte de angústia, devido à complexa articulação que a multiplicidade de possibilidades e exigências demanda.

Entre nossos participantes, as dificuldades em articular trabalho e família mostraram-se mais intensas para as mulheres do que para os homens. Gabriel destaca que “com o homem, a pressão é mais tranquila, para a mulher é mais difícil” (sic), corroborando os achados de Barbosa e

Rocha-Coutinho (2012) sobre a decisão de ter filhos se constituir de forma menos conflituosa para o homem, provavelmente devido a menor participação nas atividades domésticas e escassas implicações no âmbito profissional.

Retomando a importância do ambiente para o desenvolvimento saudável do indivíduo (Winnicott, 2007/1960), refletimos sobre a constituição dos papéis parentais para os casais participantes. Como articular esse processo em meio a um cenário que impõe tantas exigências e veicula pouco espaço para a reflexão?

Consideraremos tal questão à luz do conceito de preocupação materna primária de Winnicott (2000/1956), que refere à condição psicológica materna que viabiliza o aprofundamento do vínculo com o bebê, por meio de uma adaptação sensível e delicada às necessidades básicas deste. O autor destaca que, ao vivenciar esse estado, a mãe experimenta um retraimento, voltando-se inteiramente para o bebê e dele se distanciando à medida que as necessidades do bebê se modificam, caminhando da dependência absoluta para a independência.

A partir da preocupação materna primária, emergirá a mãe suficiente boa que se disponibiliza como ego auxiliar de seu bebê no processo de conquista do desenvolvimento emocional (Winnicott, 1975/1967). A adaptação disponibilizada pela mãe não é e nem precisa ser completa, sendo apenas suficientemente boa, já que os espaços deixados pela falta de cuidado são preenchidos pelo bebê que utiliza sua “inteligência, criatividade ou compreensão à medida que cresce” (Granato, 2002, p. 25).

Como o contexto ao qual Winnicott se refere mostra-se distante do vivido pelos nossos participantes, indagamo-nos sobre como hoje é

concebido o ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento infantil. Ao refletir sobre a futura parentalidade, os casais sublinharam a importância da aquisição de bens e os custos envolvidos em tal processo, em detrimento de considerações sobre a constituição da parentalidade enquanto processo psíquico transformador.

O exercício do cuidado infantil parece ter se transformado em fonte de angústia e frustrações quando orientado por um discurso que prescreve as melhores práticas, retirando do indivíduo a crença em sua própria capacidade de exercer tal função (Vilhena, Bittencourt, Novaes & Zamora, 2013). Esse panorama consolida-se na contramão das ideias de Winnicott (2012/1949) sobre a mãe devotada comum como sendo aquele que cuida de modo afetivamente envolvido, isto é, independente de suas qualificações técnicas ou intelectuais para uma tarefa que excede o cuidado corporal.

Quanto à figura paterna, Winnicott (1982/1945) destaca que o pai teria como principal tarefa, nas fases iniciais, disponibilizar o *holding* à esposa, evitando interferências na relação mãe-bebê. Contudo, as transformações destacadas pelos participantes indicam o anseio por modificações nessa relação pais-filhos, por elaborações de novas condutas que transformem o lugar do pai na contemporaneidade.

Entretanto, se de um lado a flexibilidade imperante na contemporaneidade vislumbra a emergência de novas configurações e condutas, de outro vivenciamos um período de transição, ainda marcado pela articulação dos papéis tradicionais com valores próprios da contemporaneidade. Esse quadro de instabilidade parece estar levando os casais a elaborar uma parentalidade idealizada em que não há falhas nem

discordâncias. Utilizamos a expressão proposta por Durken (2014) para ressaltar que “não precisamos de mães demasiadamente boas” ou, em nosso caso, pais demasiadamente bons, o que implica no confronto com a mãe e o pai que se pode ser (Granato, 2002), elaborando o conflito entre a parentalidade prometida e a experiência real.

Dessa maneira, imaginar a futura parentalidade convida os participantes a ultrapassar as questões biológicas, abrangendo os elementos psicológicos e sociais envolvidos, em um processo que implica o reconhecimento das contradições envolvidas para que seja possível vivenciar essa experiência de modo mais autêntico.

## **Um é pouco, dois é bom e três é demais**

No decorrer dos encontros com os participantes e suas narrativas, tornou-se evidente a dificuldade dos casais em conceder um espaço no relacionamento conjugal para a chegada do filho. Destacamos, nesse campo, a satisfação dos participantes na relação a dois, em oposição à solidão da vida de solteiro, bem como ao excesso de demandas associado à configuração triangular. Fazendo uma analogia com o ditado popular “um é pouco, dois é bom, três é demais” que alude ao número ideal de filhos, nomeamos este campo segundo o modelo de relacionamento idealizado pelo casal contemporâneo: a relação dual.

Gabriel sintetiza esse conflito no desfecho de sua narrativa: “deveriam ponderar sobre ter filhos visto que essa decisão iria modificar completamente o modo atual com que eles levavam a vida juntos” (sic). Cora enfatiza: “Eu acho tão difícil, no momento, pois trabalho o dia todo e tenho muitos compromissos” (sic), enquanto Danilo pondera que “ter filhos muda muito a vida do casal” (sic).

Essas afirmações denotam a dificuldade de renunciar ao relacionamento dual que garantiria a exclusividade e a intimidade do casal, em prol da chegada de um filho, o que implicaria em transformações e redefinições de projetos e condutas. As proposições de Neves, Dias e Paravidini (2013) nos auxiliam na compreensão da conjugalidade contemporânea em termos da relação paradoxal que se estabelece entre o individualismo e a concepção de um relacionamento idealizado em que prevaleça a felicidade e o amor. O apelo ao não sofrimento também é destacado pelos autores, que ressaltam o receio dos casais em enfrentar as tensões próprias de um relacionamento.



A chegada de um filho parece ser permeada de inúmeras perdas, não sendo valorizados os aspectos positivos do processo de tornar-se pai e mãe. Danilo supõe que “depois de ter filhos essa curtição acaba” (sic) e Fernanda corrobora ao afirmar: “não quero perder tudo isso”, referindo-se ao lazer e à vida social, como ir para a balada ou acampar. Qualquer transformação na conjugalidade, no sentido do estabelecimento da parentalidade, parece desencadear angústias, como destaca Caio ao referir-se aos conselhos dados pelos amigos: “proveitem a vida a dois, pois depois você passa a viver em função do filho” (sic).

A participante Fernanda relata que, ao acompanhar a gravidez da irmã, pôde vivenciar “todo sofrimento e trabalho que uma criança dá” (sic), justificando sua opção de não ter filhos em um cotidiano de dedicação excessiva ao trabalho. Embora sejam legítimas as transformações da vida do casal, bem como as novas preocupações que o cuidado de uma criança envolve, quando os participantes são convidados a imaginar o futuro exercício parental o fazem de uma perspectiva pessimista. Elisa e Eduardo finalizam sua narrativa comunicando que “nascem os gêmeos Pedro e Paulo para alegria da avó Dona Ruth” (sic). E a alegria dos pais, onde entraria?

Nesse contexto o filho passa a significar um ônus para o casal, visto que aquele não parece vir a somar e a integrar na dinâmica familiar, razão pela qual exigiria tanto planejamento e preparação. Tal situação remete ao proposto por Bauman (2004) ao destacar que, se, na atualidade, ter filhos passa a ser uma questão de escolha, também é verdade que essa decisão passa a ser vivida com bastante ansiedade, provavelmente devido aos seus desdobramentos, tais como a aceitação da dependência infantil por tempo

indefinido, além da manutenção de um compromisso irrevogável. Enfatizando a vivência desses aspectos, Giovana postula: “é a decisão mais difícil que já tomei” (sic), referindo-se aos compromissos inerentes ao fato de tornar-se mãe.

O desfecho da narrativa de Denise e Danilo realça as restrições sentidas pelo casal com a chegada de um filho e, assim, concluem: “acho melhor adotarmos por enquanto um cachorro, pois assim vamos ter sempre uma companhia a mais em casa e teremos a oportunidade de passear e curtir a vida de recém-casados” (sic). E Gabriel adverte que, mesmo passada a dependência inicial, a criança sempre exigiria preocupações e cuidados, o que transformaria profunda e permanentemente a relação do casal.

A chegada do filho parece exigir demasiadamente do casal, na medida em que ameaça a tranquilidade conjugal com restrições e demandas que se mostram aparentemente divergentes aos seus anseios. Winnicott (2005/1957) destaca que ter filhos não pode ser interpretado como a consequência natural de um relacionamento, resgatando um posicionamento que promove reflexão sobre as crenças heteronormativas que se mostram ainda fortemente influentes no apelo social (Morison, 2013).

Supondo que cada criança venha a se encaixar de certa forma no contexto imaginativo e emocional dos pais (Winnicott, 2005/1957), o que a criança encontrará se tomarmos em consideração o cenário descrito pelos casais participantes? Perdas, restrições e imposições são alguns dos sentidos afetivo-emocionais vinculados à chegada de um filho que se constitui como ameaça ao idílio amoroso dos pais.

Também é verdade que as demandas relacionadas à chegada de um filho parecem excessivas devido à complexa articulação de anseios pessoais e

conjugais face às exigências sociais. Assim, identificar-se com as instituições sociais, como Winnicott (2005/1960) destaca, sem perder o sentido de continuidade pessoal nem sacrificar demasiadamente os impulsos espontâneos apresenta-se como desafio para os casais contemporâneos.

Retornamos a Winnicott (2005/1957) para assinalar que a chegada de um filho produz, invariavelmente, transformações nos relacionamentos dos pais; entretanto, o autor destaca que essas produzem “um grande enriquecimento e um aprofundamento do sentido de responsabilidade de um para com o outro” (p.63). As produções imaginativas dos participantes se distanciam das proposições de Winnicott, já que as modificações vislumbradas, grande parte dessas baseadas nos relatos de amigos que já são pais, supõem o distanciamento conjugal e a impossibilidade de retomada do vínculo amoroso.

Sabemos que a experiência de ter filhos compreende desafios, dentre os quais a manutenção da continuidade do crescimento emocional dos próprios pais (Winnicott, 2005/1957). No entanto, a intensidade desse sentimento pareceu-nos exacerbada, remetendo-nos às colocações de Gomes e Paiva (2003) sobre a imaturidade dos casais contemporâneos que os leva a conceber a experiência de ter filhos como altamente custosa.

Além disso, os ideais sociais vigentes participam da produção e manutenção desse cenário ao promover a exaltação da felicidade, reduzindo o espaço para a vivência e elaboração do sofrimento (Neves, Dias & Paravidini, 2013), o que inviabiliza a integração da ambivalência como experiência própria do viver. Assim, conjecturamos sobre a ambivalência presente no discurso dos casais participantes, já que ao mesmo tempo em que destacam a rotina

atribulada e a falta de disponibilidade para dedicar-se ao cuidado do filho, indagando como diz Cora: “aonde entraria um filho”? (sic), também reafirmam o desejo que, a despeito das dificuldades, restrições e demandas impõe, e encontra vazão, através de falas como a de Denise: “Vamos fazer um bebê?”.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar desvelar os sentidos afetivo-emocionais atribuídos por jovens casais ao projeto de ter filhos nos deparamos com uma vivência permeada de conflitos e contradições, em que perdas, restrições e imposições delineiam o cenário da parentalidade tal como é hoje concebida. Para nossos participantes, e experiência de ter filhos parece constituir-se como elemento perturbador da dinâmica conjugal, sendo esta vivida como espaço de coexistência de individualidades, cuja busca de realização pessoal ainda se opõe à renúncia proposta pela tarefa parental.

Anita e Arnaldo buscam conciliar seus sonhos e planos no que se refere a ter filhos, Bianca e Bruno estão construindo o espaço conjugal para depois se arriscar na experiência parental. Caio e Cora , assim como Denise e Danilo, revelam seu desejo inconsciente de ter filhos, mas conscientemente se prendem às realizações concretas. Já Elisa e Eduardo idealizam uma necessária estabilidade para a chegada do filho, Fábio e Fernanda reagem defensivamente à questão, enquanto Giovana e Gabriel parecem ainda não estar prontos para escolher, destacando que essa é a decisão mais difícil de suas vidas.

Os casais participantes comunicaram uma experiência que desconstrói concepções idealizadas acerca da parentalidade e ressaltam as angústias que acompanham a difícil tarefa de conciliar os anseios pessoais, conjugais, além das expectativas sociais. O contexto contemporâneo é sentido como exigente e impiedoso, o que faz com que o viver autêntico pautado por princípios éticos e morais encontre barreiras para emergir.

Desse modo, destacamos que situar a parentalidade no âmbito da escolha conjugal expôs o paradoxo decorrente da flexibilidade que, de um lado abre para tantas possibilidades de escolha que torna complexo distinguir o que se quer. Além disso, pudemos compreender que a decisão de ter filhos remete a uma escolha do casal, expressando já um processo de descentralização de tal temática, antes restrita ao universo feminino, bem como os novos contornos que ganha a relação mãe, pai e filho.

Tendo em vista a ênfase que os participantes colocaram nos conflitos que afloram por ocasião da decisão de ter filhos, em uma perspectiva que se mostra permeada de racionalizações, nos questionamos sobre como se constituiria a transição para a parentalidade no contexto atual, isto é, como os casais constroem seu próprio estilo de maternar e paternar, tendo em vista as angústias inerentes a chegada de um filho. E ainda, o que para os casais contemporâneos se constituiria como um ambiente suficientemente bom para o bebê?

Ultrapassando os horizontes desta pesquisa, propomos uma reflexão social e científica em que rompemos com concepções idealizadas acerca da parentalidade em busca da compreensão das novas demandas individuais e sociais. Considerando as particularidades das relações conjugais atuais, destacamos a importância da promoção de práticas clínicas que viabilizem a emergência das contradições inerentes ao processo de decidir entre ter ou não filhos, bem como a produção de conhecimento científico que amplie a compreensão acerca das demandas próprias do viver contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- Abdallah, A. (2011). Filhos? Não, obrigada. *Revista TPM*. Recuperado em 21 de janeiro de 2014 de <http://revistatpm.uol.com.br/revista/107/reportagens/filhos-nao-obrigada.html>
- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F.F., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). O método psicanalítico como abordagem qualitativa: considerações preliminares. In *X Jornada Apoiar* (pp. 306-314). São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Martins, P. C. R. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e imaginário coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31 (2), 18-35.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. In J. Monzani, L. R. Monzani. (orgs) *Olhar: Fabio Herrmann – uma viagem psicanalítica* (pp. 311-324). São Carlos: Ed. Pedro e João editores/CECH – UFSCar.
- Aguiar, D. T., Silveira, L. C. & Dourado, S. M. N. (2011). A mãe em sofrimento psíquico: objeto da ciência ou sujeito da clínica?, *Esc. Anna Nery*, 15 (03), 622-628.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos.
- Badinter, E. (2011). *O conflito: A mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicol. Soc.*, 24 (3), 577-587.
- Bauman, Z. (2007a). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bauman, Z. (2007b). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32 (1), 205-226.

- Bleger, J. (1989). *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas.(Trabalho original publicado em 1963)
- Borges, C. C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicol. estud.*, 18 (1), 71-81.
- Borges, C.C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estud. psicol. (Campinas)*, 30 (2), 177-185.
- Cooke, A., Mills, T.A., & Lavender, T. (2010). 'Informed and uninformed decision making' – Women's reasoning, experiences and perceptions with regard to advanced maternal age and delayed childbearing: A meta-synthesis. *International Journal of Nursing Studies*, 47 (10), 1317-1329.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- Costa, L.F. (2009). Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In A.D. Nascimento & T.M Hetkowski (Orgs). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas* (pp. 357-371). Salvador, BA: EDUFBA.
- Cresweel, J.W. (2010). *Projeto de Pesquisa- Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Del Priore, M. (2013). *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Editora Contexto.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Editora Planeta.
- Diniz, G., & Coelho, V. (2005). A História e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família. In T.F. Carneiro (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp.138-157). Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC-RIO.
- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). "Namorido" uma forma contemporânea de conjugalidade. *Psicol. Clin.*, 23 (2), 117-135.
- Durken, C.I.L. (2014). Inadequação em tempos de maternidade virtual. *Revista Mente e Cérebro*. Recuperado em 15 de julho de 2014 de [http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/inadequacao\\_em\\_tempos\\_de\\_maternidade\\_virtual.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/inadequacao_em_tempos_de_maternidade_virtual.html)
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Refl. Crít*, 11 (2), 379-394.



- Fonseca, A. C., & Rodrigues, B. (2010). Ser mãe não é profissão. *Revista Veja*. Recuperado em 21 de janeiro de 2014 de <http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/ser-mae-nao-profissao-p-024.html>
- Furstenberg Junior, F.F. (2010). On a new schedule: transitions to adulthood and family change. *The Future of Children*, 20 (1), 67-87
- Gauthier, P., & deMontigny, F. (2013). Conceiving a first child: perceptions of contributing elements to their decision. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 31 (3), 274-284.
- Gomes, I.C., & Paiva, M.L.S.C. (2003). Casamento e família no século XXI: Possibilidade de Holding?. *Psicol. estud.*, 8 (num. esp.), 3-9.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O Pai Presente O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 20 (2), 119-125.
- Granato, T.M.M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicol. Clin.*, 25 (1), 17-35.
- Granato, T.M.M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicol. estud.*, 16(1), 157-163.
- Granato, T.M.M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicol. Soc.*, 23 (n.spe.), 81-89.
- Granato, T. M.M. (2002) *Tempo de Gestar: Encontros Terapêuticos com Gestantes à luz da Preocupação Materna Primária*. São Paulo: Landmark.
- Guedes, M., Pereira, M., Pires, R., Carvalho, P., & Canavarro, M.C. (2013). Childbearing Motivations Scale: Construction of a New Measure and Preliminary Psychometric Properties. *Journal of Child and Family Studies*, 1-15.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann. T.Lowenkron, (orgs). *Pesquisando com o método psicanalítico*.(pp.43-84), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hollos, M., & Bernardi, L. (2009). Post-Socialist Uncertainty: Childbearing decisions in Hungary. *Ethnology*, 48 (4), 315-336.
- Holton, S., Fisher, J., & Rowe, H. (2009). Attitudes toward Women and Motherhood: their role in Australian Women's Childbearing Behaviour. *Sex Roles*, 61 (9-10), 677-687.
- Hutteman, R., Bleidorn, W., Penke, L., & Denissen, J. J. A. (2013). It takes two: a longitudinal dyadic study on predictors of fertility outcomes. *Journal of Personality*, 81 (5), 487-498.
- Iacovou, M., & Tavares, L. P. (2011). Yearning, Learning and Conceding: Reasons men and women change their childbearing intentions. *Population and Development Review*, 37 (1), 89-123.
- IBGE (2012). *Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, Fecundidade e Migração*. Recuperado em 30 de agosto de 2013 de <http://censo2010.ibge.gov.br/>
- Kaufman, G., & Bernhardt, E. (2012). His and Her Job: What matters most for fertility plans and actual childbearing?. *Family Relations*, 61 (4), 686-697.
- Lima, R. A. (2008). A sós, para sempre. *Revista Veja*. Recuperado em 21 de janeiro de 2014 de [http://veja.abril.com.br/110608/p\\_124.shtml](http://veja.abril.com.br/110608/p_124.shtml)
- Maldonado-Torres, N. (2008). A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista de Ciências Sociais*, 80, 71-114.
- Matias, M., & Fontaine, A.M. (2013). Desenvolvimento e Validação Factorial da Escala de Motivos face à Parentalidade. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23 (54), 9-20.
- Mendes, K.D.S., Silveira, R.C.C.P., & Galvão, C.M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, 17(4), 758-764.
- Merli, L.F. (2012). *Quando a parentalidade surge antes da conjugalidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Moherdau, B. (2013). Pacote (in) completo. *Revista Nova*. Recuperado em 21 de janeiro de 2014, de <http://mdemulher.abril.com.br/carreira-dinheiro/reportagem/carreira/pacote-in-completo-nova-quer-mexer-com-voce-748805.shtml>
- Morison, T. (2013). Heterosexual men and parenthood decision making in South Africa: Attending to the invisible norm. *Journal of Family Issues*, 20 (10), 1-20.
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estud. pesq. psicol*, 4 (1), 34-47.
- Neves, A.S., Dias, A.S.F., & Paravidini, J.L.L. (2013). A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. *Psicol. Clin.*, 25 (2), 73-87.
- Nunes, S.A. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. *Psicol. Clin.*, 23 (2), 101-115.
- Oltrami, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade uma revisão de literatura. *Psicol. estud.*, 14 (4), 669-677.
- Onocko-Campos, R. T., Palombini, A. L., Leal, E., Junior, O. D. S., Baccari, I. O. P., Ferrer, A. L., Diaz, A. G., & Xavier, M. A. Z. Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e antropologia médica. *Ciênc. saúde colet.*, 18 (10), 2847-2857.
- Öst, C.E. (2012). Housing and children: simultâneos decisions?- a cohort study of young adults' housing and family formation decision. *Journal of Population Economics*, 25 (1), 349-366.
- Pinquart, M., Stotzka, C., & Silbereisen, R. K. (2010). Ambivalence in decisions about childbearing. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 28 (2), 212-220.
- Rijken, A.J., & Knijn, T. (2009). Couple's decisions to have a first child: Comparing pathways to early and late parenthood. *Demografic Research*, 21 (26), 765-802.
- Rios-Lima, M.G. (2012). *Um estudo sobre o adiamento da maternidade em mulheres contemporâneas*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Rios, M.G., & Gomes, I. C. (2009a). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estud. psicol. (Campinas)*, 26 (2), 215-225.
- Rios, M.G., & Gomes, I. C. (2009b). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. *Psicol. estud.*, 14(2), 311-319.
- Roberts, E., Metcalfe, A., Jack, M., & Tough, S.C. (2011). Factors that influence the childbearing intentions of Canadian men. *Human Reproduction*, 26 (5), 1202-1208.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2003). Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. In T.F. Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC-RIO.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sartori, V. B. (2014). A questão do gênero. *Revista Filosofia*. Recuperado em 10 de junho de 2014, de <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/edicoes/94/artigo327163-1.asp?o=r>
- Scavone, L. (2001). Maternidade transformações na família e nas relações de gênero. *Interface (Botucatu)*, 5 (8), 47-60.
- Silva, G.S., Landerlahl, M.C., Langerdorf, T.F., Padoin, S.M.M., Vieira, L.B., & Anversa, E. T. R. (2013). Partner's participation in family planning from a feminine perspective: a descriptive study. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 12 (4), 882-891.
- Sohne, L. C., & Wendling, M.I. (2011). O significado da família para casais que optam por não ter filhos. *Pensando Famílias*, 15 (1), 117-137.
- Stake, R. (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Tachibana, M., Santos, L.P., & Duarte, C. A. M. (2006). O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. *Psychê*, 10 (19), 149-167.

- Teperman, D.W. (2012). *Família, parentalidade e época: um nós que não existe*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Testa, M.R., Cavalli, L., & Rosina, A. (2014). The effect of couple disagreement about child-timing intentions: a parity-specific approach. *Population and Development Review*, 40 (1), 31-53.
- Thompson, R., Lee, C., & Adams, J. (2013). Imagining Fatherhood: Young Australian men's perspectives on fathering. *International Journal of Men's Health*, 12 (2), 150-165.
- Travassos-Rodriguez, F., & Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo Psicanalítico*, 45 (1), 111-121.
- Turato, E.R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Públ.*, 39 (3), 507-514.
- Vilhena, J., Bittencourt, M. I. G. F., Novaes, J. V. & Zanora, M. H. (2013). Cuidado, maternidade e temporalidade: repensando os valores contemporâneos de eficiência. *Cadernos de Psicanálise (Rio de Janeiro)*, 35 (28), 111-127.
- Willis, C. & Stainton-Rogers, W. (2008). *The Sage Handbook of Qualitative Research in Psychology*. London: Sage.
- Winnicott, D. W. (2012). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (pp. 1-11). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949)
- Winnicott, D.W. (2007). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D.W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (pp.38-54). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (2005a). Família e maturidade emocional. In D.W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (pp.129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (2005b). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. In D.W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (pp.59-72). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957)

- Winnicott, D.W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D.W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (1999a). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 23- 39). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1970)
- Winnicott, D. W. (1999b). O conceito de indivíduo saudável. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 3-22). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (1994). O jogo do rabisco. In C. Winnicott (Org.). *Explorações psicanalíticas* (pp. 230-243). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento Infantil. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (1982). E o pai?. In D. W. Winnicott. *A criança e seu mundo* (pp. 127-133). Rio de Janeiro: LTC. (Original publicado em 1945)

**ANEXO**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este termo representa o consentimento de duas partes envolvidas em um projeto de pesquisa científica, estando de um lado, a psicóloga Mariana Biffi, C.R.P 06/114128, Mestranda em Psicologia como Ciência e Profissão da PUC-Campinas, autora do projeto de pesquisa intitulado “Narrativas de jovens casais sobre o projeto de ter filhos na contemporaneidade” e do outro, os participantes, adultos e voluntários.

O presente estudo busca produzir conhecimentos psicológicos que possam beneficiar os indivíduos e grupos envolvidos direta ou indiretamente na atenção a casais e famílias, sendo o tema relevante, ao abordar uma questão que se encontra em processo de transformação em nossa sociedade, ou seja, a parentalidade contemporânea.

No processo de coleta de dados, cada participante deverá completar uma história fictícia, previamente elaborada pela pesquisadora, que versa sobre a temática a ser estudada. Tal procedimento será realizado em entrevista individual com cada casal, sendo que cada um dos membros será solicitado a completar sua narrativa do modo que julgar conveniente. Na sequência, o casal de participantes será convidado a compartilhar com a pesquisadora suas vivências quanto ao projeto de ter filhos.

Na análise dos dados, se buscará compreender os sentidos afetivo-emocionais envolvidos no planejamento familiar do casal, sendo seus dados pessoais ou qualquer informação que o identifique retirados da pesquisa, com o objetivo de garantir o sigilo.

Como a participação é totalmente voluntária, o participante não terá nenhum tipo de remuneração por seu consentimento, nem prejuízo, caso se recuse a participar ou queira retirar o seu consentimento, o que poderá ocorrer em qualquer etapa da pesquisa.

Este termo de consentimento será impresso em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e outra, com o participante.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, localizado a Rodovia D. Pedro I, Km. 136, Parque das Universidades, Campinas-SP. Para quaisquer esclarecimentos éticos, o Comitê poderá ser consultado através do telefone (19) 3343-6777 ou pelo e-mail [comitedeetica@puc-campinas.edu.br](mailto:comitedeetica@puc-campinas.edu.br), sendo seu horário de funcionamento de Segunda à Sexta-feira das 08h00 às 17h00.

Para maiores esclarecimentos com relação à sua participação, favor entrar em contato com a pesquisadora através do telefone celular (19) 99804-4778 ou pelo e-mail [biffi.mariana@gmail.com](mailto:biffi.mariana@gmail.com).

Eu,

\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, afirmo estar ciente dos objetivos e métodos da pesquisa “Narrativas de jovens casais sobre o projeto de ter filhos na contemporaneidade”, e declaro a minha participação voluntária na mesma, autorizando a inclusão do material narrativo por mim produzido na investigação, mediante o respeito às condições de sigilo e privacidade. Declaro, também, estar ciente de que poderei retirar esse consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem que isso me traga qualquer ônus ou prejuízo.

Americana,.....de.....de 2014.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante



**APÊNDICE**

Referência	País	Delineamento do estudo	População estudada	Objetivos	Procedimentos de coleta	Procedimentos de registro	Análise dos dados	Principais Resultados
Borges, C.C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. <i>Estudos de Psicologia (Campinas)</i> , 30 (2), 177-185.	Brasil	Qualitativo empírico.	20 indivíduos (10 homens e 10 mulheres), divididos em dois grupos mediante a idade (27-34 e 63-69 anos).	Analisar os projetos de vida de indivíduos de diferentes gerações, dando ênfase para o lugar que constituir uma família ocupa em seus planos.	Entrevistas semiestruturadas.	Transcrições das gravações em áudio.	Análise de discurso, influenciada pela Sociologia Compreensiva de Kaufmann.	Observou-se uma despadronização das trajetórias de vida e desestruturação do modelo familiar baseado no casamento quando comparado o discurso dos dois grupos. Filhos passam a ser projetos individuais e ter importância central para a ideia de família.
Cooke, A., Mills, T.A., & Lavender, T. (2010). 'Informed and uninformed decision making' – Women's reasoning, experiences and perceptions with regard to advanced maternal age and delayed childbearing: A meta-synthesis. <i>International Journal of Nursing Studies</i> , 47 (10), 1317-1329.	Reino Unido	Revisão de literatura.	Pesquisas qualitativas indexadas nas bases de dados pesquisadas.	Identificar os fatores que afetam as decisões das mulheres por ter filhos mais tardiamente e explorar suas percepções dos riscos associados.	Levantamento bibliográfico de pesquisas qualitativas em bases de dados, publicadas no período de 1980-2009.	Seleção das publicações em consonância com o objetivo.	Abordagem meta-etnográfica.	Identificou-se a forte influência da educação e da carreira na maternidade tardia. Mulheres parecem buscar seus objetivos pessoais para posteriormente, iniciar uma família. Observou-se a dissonância entre o projeto de vida e as questões biológicas, que tendem a ser desconsideradas. Ressalta-se a importância de estratégias educativas que sinalizem os riscos associados à gravidez tardia.
Furstenberg Junior, F.F. (2010). On a new schedule: transitions to adulthood and family change. <i>The Future of Children</i> , 20 (1), 67-87.	Estados Unidos	Revisão de literatura.	Publicações nacionais e internacionais.	Examinar como a família ocidental, especialmente a americana, está sendo afetada pelas transformações na entrada para a vida adulta.	Não especificado.	Não especificado.	Não especificado.	A passagem para a vida adulta se tornou mais prolongada, o que produz uma sequência menos ordenada e previsível de acontecimentos, como casamento e parentalidade. Apesar da diferença de gênero parecer ter diminuído, a desigualdade entre as classes parece ter aumentado, o que produz vivências distintas para os jovens de cada uma dessas.

<p>Gauthier, P., &amp; deMontigny, F. (2013). Conceiving a first child: perceptions of contributing elements to their decision. <i>Journal of Reproductive and Infant Psychology</i>, 31 (3), 274-284.</p>	<p>Reino Unido</p>	<p>Qualitativo empírico.</p>	<p>12 homens, pais pela primeira vez, com idade entre 21-35 anos.</p>	<p>Descrever os elementos que contribuem para a decisão dos homens de ter o primeiro filho.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas.</p>	<p>Transcrições das gravações em áudio.</p>	<p>Análise temática.</p>	<p>Os resultados mostram que os elementos que contribuem para a decisão relaciona-se a quatro áreas principais: características pessoais (desejo de ter filhos e família), interpessoais (achar a pessoa certa, compartilhar os planos, ser influenciado pela parceira e rede social), socioeconômicas (ter recursos financeiros, um emprego seguro, casa própria) e temporais (idade e sentir-se pronto para ser pai).</p>
<p>Guedes, M., Pereira, M., Pires, R., Carvalho, P., &amp; Canavarro, M.C. (2013). Childbearing Motivations Scale: Construction of a New Measure and Preliminary Psychometric Properties. <i>Journal of Child and Family Studies</i>, 1-15.</p>	<p>Portugal</p>	<p>Quantitativo.</p>	<p>614 indivíduos com idade entre 19 e 49 anos.</p>	<p>Construir a versão final do Childbearing Motivations Scale (CMS) e examinar sua estrutura fatorial e propriedades psicométricas.</p>	<p>Escala.</p>	<p>Autopreenchimento.</p>	<p>Procedimentos estatísticos.</p>	<p>A versão final da CMS foi composta por uma subescala de motivações positivas com 26 itens que relacionam-se aos aspectos socioeconômicos, realização pessoal, continuidade e relacionamento do casal e outra com as motivações negativas com 21 itens que remetem as exigências da parentalidade, preocupação social, estresse no relacionamento, problemas financeiros e as preocupações com a imagem corporal. Configurou-se um importante instrumento para área da saúde.</p>
<p>Hollos, M., &amp; Bernardi, L. (2009). Post-Socialist Uncertainty: Childbearing decisions in Hungary. <i>Ethnology</i>, 48 (4), 315-336.</p>	<p>Hungria</p>	<p>Qualitativo empírico.</p>	<p>19 casais com idade entre 20 e 42 anos.</p>	<p>Examinar as atitudes e decisões de ter filhos em jovens casais no período pós-transição ao socialismo.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas.</p>	<p>Transcrições das gravações em áudio.</p>	<p>Análise temática.</p>	<p>Os casais ressaltam a importância de uma série de requisitos como segurança financeira e um bom relacionamento conjugal para poder ter filhos. Mediante tais condições, mantêm o foco no desenvolvimento profissional, o que provoca o adiamento do projeto de ter filhos.</p>

Holton, S., Fisher, J., & Rowe, H. (2009). Attitudes toward Women and Motherhood: their role in Australian Women's Childbearing Behaviour. <i>Sex Roles</i> , 61 (9-10), 677-687.	Austrália	Quantitativo.	569 mulheres com idade entre 30 e 34 anos.	Investigar a relação entre atitudes em relação à maternidade e os resultados férteis das mulheres.	Questionários fechados.	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos.	Emprego, nível educacional e religião foram os fatores sociodemográficos que se mostraram relacionados às atitudes das mulheres em relação à maternidade. Atitudes em relação à maternidade mostraram-se como um fator que influencia nos comportamentos relacionados à fertilidade.
Hutteman, R., Bleidorn, W., Penke, L., & Denissen, J. J. A. (2013). It takes two: a longitudinal dyadic study on predictors of fertility outcomes. <i>Journal of Personality</i> , 81 (5), 487-498.	Alemanha	Quantitativo.	2482 casais capazes biologicamente de ter filhos.	Investigar as associações entre a personalidade dos parceiros, as expectativas e intenções de parentalidade e os resultados férteis do casal um ano depois.	Dados de pesquisa populacional (Panel Analysis of Intimate Relationships and Family Dynamics – PAIRFAM).	—	Procedimentos estatísticos.	Observou-se que os baixos níveis de expectativas negativas estão associados com a alta intenção de se tornar pai nos próximos dois anos, enquanto as expectativas positivas parecerem não ter influência. Em relação à personalidade, agressividade masculina caracterizou-se como uma característica significativa o que indica uma melhor probabilidade desses casais terem filhos um ano depois.
Iacovou, M., & Tavares, L. P. (2011). Yearning, Learning and Conceding: Reasons men and women change their childbearing intentions. <i>Population and Development Review</i> , 37 (1), 89-123.	Inglaterra	Quantitativo.	10.000 indivíduos.	Examinar os efeitos das características dos indivíduos e de seus parceiros no ajustamento das expectativas em relação à fertilidade.	Dados de pesquisa populacional coletados no período de dez anos (British Household Panel Survey – BHPS).	—	Procedimentos estatísticos.	Presença ou ausência de parceiro não se caracterizou como fator significativo. Entre os participantes com parceiro, observou-se que esses consideram os planos do companheiro, o que influencia seu processo de decisão.
Kaufman, G., & Bernhardt, E. (2012). His and Her Job: What matters most for fertility plans and actual childbearing?. <i>Family Relations</i> , 61 (4), 686-697.	Suécia	Quantitativo.	650 indivíduos que mantinham relacionamento heterossexual em que ambos trabalhavam e não tinham filhos.	Examinar a relação entre a cultura organizacional e os planos de fertilidade na Suécia.	Dados de pesquisa populacional (Swedish Young Adult Panel Study).	—	Procedimentos estatísticos.	Os homens parecem ter mais intenção de ter filhos se o trabalho da parceira facilita o acesso à licença maternidade e ao trabalho de meio período. Enquanto as mulheres demonstram maior intenção quando o parceiro é bem remunerado.

<p>Matias, M., &amp; Fontaine, A.M. (2013). Desenvolvimento e Validação Factorial da Escala de Motivos face à Parentalidade. <i>Paidéia</i>, 23 (54), 9-20.</p>	Portugal	Quantitativo.	403 indivíduos com idade média de 36 anos.	<p>Descrever a construção e validação de um instrumento em língua portuguesa para análise dos motivos subjacentes à decisão de ter ou não filhos.</p>	Escala.	Autopreenchimento.	Procedimentos estatísticos.	<p>A versão final da escala é composta por 30 itens que remetem a motivos para ter ou não filhos, relacionando-se a quatro fatores: enriquecimento emocional, reconhecimento social, interferência no estilo de vida e dificuldades na educação do filho.</p>
<p>Morison, T. (2013). Heterosexual men and parenthood decision making in South Africa: Attending to the invisible norm. <i>Journal of Family Issues</i>, 20 (10), 1-20.</p>	África do Sul	Qualitativo.	12 homens e 11 mulheres, heterossexuais e de classe média divididos em dois grupos, com e sem filhos.	<p>Investigar a participação do homem heterossexual sul africano no processo de decisão de se tornar pais.</p>	Entrevistas semiestruturadas.	Não especificado.	Método discursivo-narrativo.	<p>Observou-se a prevalência de normas heteronormativas que dificultam a reflexão dos participantes acerca da escolha por ter ou não filhos. importância da inclusão da figura masculina que mostrou ter um papel passivo perante as decisões do casal.</p>
<p>Nunes, S.A. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. <i>Psicologia Clínica</i>, 23 (2), 101-115.</p>	Brasil	Teórico	Publicações nacionais e internacionais.	<p>Mostrar que a pergunta de Freud "O que quer a mulher?" permanece pertinente ainda hoje, na medida em que reflete o mal-estar relativo aos impasses colocados pelas escolhas e desejos femininos que extrapolam o ideal materno.</p>	---	---	---	<p>O ideal da "mulher contemporânea" continua aliado ao papel materno e propõe sua conciliação com o desenvolvimento profissional. A dificuldade em conciliar os dois papéis produz um cenário repleto de mal-estar e contradições em que as mulheres deparam-se com conflitos relacionados à escolha de ser mãe e a vivência da experiência da maternidade.</p>

Öst, C.E. (2012). Housing and children: simultaneous decisions?- a cohort study of young adults' housing and family formation decision. <i>Journal of Population Economics</i> , 25 (1), 349-366.	Suécia	Quantitativo.	2.059 indivíduos, divididos em três grupos conforme a data de nascimento (1956, 1964 e 1974).	Contribuir para a compreensão da correlação entre ter casa própria e tornar-se pai, considerando o potencial entre esses dois eventos.	Dados de pesquisa populacional (Swedish Housing and Life Course Cohort Study – HOLK).	---	Procedimentos estatísticos.	Os resultados indicam uma correlação entre os dois eventos, principalmente para os dois grupos mais jovens. Ser proprietário de uma casa mostra-se como condição para ter filhos, o que ressalta a importância das políticas de habitação para o crescimento populacional.
Pinquart, M., Stotzka, C., & Silbereisen, R. K. (2010). Ambivalence in decisions about childbearing. <i>Journal of Reproductive and Infant Psychology</i> , 28 (2), 212-220.	Alemanha	Quantitativo.	267 jovens adultos com idade entre 25-30 anos.	Avaliar a ambivalência envolvida no conflito aproximação/hesitação entre querer ou não ter filhos.	Questionário fechado.	Autopreenchimento dos questionários.	Procedimentos estatísticos.	Minoria dos participantes mostrou-se ambivalente quanto à temática. Pareceram ser fatores relacionados à ambivalência: a divergência entre as metas relacionadas à parentalidade e os outros objetivos, o alto custo envolvido e também, a indecisão do parceiro.
Rios, M.G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. <i>Estudos de Psicologia (Campinas)</i> , 26 (2), 215-225.	Brasil	Revisão de literatura.	Publicações nacionais e internacionais.	Realizar uma revisão bibliográfica acerca do tema opção por não ter filhos.	Levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais, envolvendo artigos e resumos de teses e dissertações publicadas na área de psicologia nos últimos dez anos.	Seleção das publicações em consonância com o objetivo.	Categorização de acordo com o tema principal.	Verificou-se a importância da possibilidade de escolha, como fonte de satisfação pessoal e conjugal. Destaca-se a escassez de trabalhos nacionais, bem como a preocupação nos trabalhos de origem europeia e australiana com a redução da taxa de natalidade e o envelhecimento da população.
Rios, M.G., & Gomes, I. C. (2009). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. <i>Psicologia em Estudo</i> , 14(2), 311-319.	Brasil	Qualitativo empírico.	Quatro casais heterossexuais de classe média ou alta, sem filhos por opção e com mais de 35 anos.	Refletir acerca do estigma e conjugalidade presentes na opção de casais por não ter filhos.	Entrevistas semiestruturadas.	Transcrições das gravações em áudio.	Categorização de tópicos emergentes.	A maneira com que cada casal lida com a escolha de não ter filhos relaciona-se ao grau de ambivalência e conflito envolvido nesse processo. A estigmatização, sentida pelos participantes, parece refletir a dificuldade ainda existente na convivência com as diversas formas de família, o que produz nos casais uma maior necessidade de reparações ou a presença de alguma força reativa de defesa.

<p>Roberts, E., Metcalfe, A., Jack, M., &amp; Tough, S.C. (2011). Factors that influence the childbearing intentions of Canadian men. <i>Human Reproduction</i>, 26 (5), 1202-1208.</p>	<p>Canadá</p>	<p>Quantitativo.</p>	<p>495 homens com idade entre 20 e 45 anos, sem filhos biológicos divididos em quatro grupos conforme a faixa etária (20-24; 25-29; 30-34; 35-45 anos).</p>	<p>Descrever os fatores que influenciam a intenção dos homens de se tornarem pais e descrever as diferenças entre as faixas etárias pesquisadas.</p>	<p>Questionário fechado.</p>	<p>Preenchimento por parte dos pesquisadores (pesquisa realizada através de contato telefônico).</p>	<p>Procedimentos estatísticos.</p>	<p>Os resultados apontam que fatores como segurança financeira, adequação da parceira e interesse por ter filhos são fatores que influenciam os quatro grupos pesquisados. As questões biológicas mostraram-se relevantes apenas para os homens mais velhos. Maioria dos participantes (86%) afirmou que planeja ter filhos.</p>
<p>Silva, G.S., Landerlahl, M.C., Langerdorf, T.F., Padoin, S.M.M., Vieira, L.B., &amp; Anversa, E. T. R. (2013). Partner's participation in family planning from a feminine perspective: a descriptive study. <i>Online Brazilian Journal of Nursing</i>, 12 (4), 882-891.</p>	<p>Brasil</p>	<p>Qualitativo empírico.</p>	<p>Oito mulheres, usuárias de Unidade Básica de Saúde, que estavam em idade fértil e mantinham relações conjugais com o parceiro,.</p>	<p>Descrever como as mulheres percebem a participação do companheiro no planejamento familiar.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas.</p>	<p>Transcrições das gravações em áudio.</p>	<p>Análise temática de conteúdo.</p>	<p>A partir das entrevistas, emergiram duas categorias principais: a primeira refere-se ao acordo realizado pelo casal sobre o momento de ter filhos e a segunda, sobre a responsabilidade da mulher acerca da contracepção. Revela-se a importância da inclusão dos homens nos programas de assistência ao planejamento familiar, assim como o reconhecimento do casal como unidade de cuidado.</p>
<p>Sohne, L. C., &amp; Wendling, M.I. (2011). O significado da família para casais que optam por não ter filhos. <i>Pensando Famílias</i>, 15 (1), 117-137.</p>	<p>Brasil</p>	<p>Qualitativo empírico.</p>	<p>Três casais, com idade entre 35 e 41 anos, que optaram por não ter filhos.</p>	<p>Investigar o significado de família para casais que optaram por não ter filhos, bem como analisar a influência social e da família de origem frente a essa.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas.</p>	<p>Transcrições das gravações em áudio.</p>	<p>Análise de conteúdo, segundo Bardin.</p>	<p>Filhos não são mais prioridade na vida dos casais, os aspectos relacionados ao desenvolvimento profissional e estabilidade financeira ganham destaque. O significado de família mostrou-se permeado de divergências, já que parte dos participantes considera que ser casal é o suficiente, enquanto para outros existe a necessidade de filhos. As cobranças do meio social exercem influência e geram constrangimento para os casais.</p>

<p>Testa, M.R., Cavalli, L., &amp; Rosina, A. (2014). The effect of couple disagreement about child-timing intentions: a parity-specific approach. <i>Population and Development Review</i>, 40 (1), 31-53.</p>	Itália	Quantitativo.	2.098 casais com idade entre 18 e 49 anos.	Investigar o processo de escolha em relação a ter filhos, especialmente no que se refere à igualdade dos gêneros.	Dados de pesquisa populacional (Household Survey on Family and Social Subjects).	—	Procedimentos estatísticos.	O parceiro que pretende ter filhos parece ter maior poder de decisão do que o outro. Os resultados não indicam a existência de igualdade no processo de escolha sobre ter filhos. Não se confirmou a hipótese de que as mulheres seriam mais influentes na tomada de decisão.
<p>Thompson, R., Lee, C., &amp; Adams, J. (2013). Imagining Fatherhood: Young Australian men's perspectives on fathering. <i>International Journal of Men's Health</i>, 12 (2), 150-165.</p>	Austrália	Qualitativo empírico.	16 estudantes universitários do sexo masculino, com idade entre 18-25 anos, solteiros e sem filhos.	Explorar o significado subjetivo de ter filhos e ser pai para estudantes universitários do sexo masculino na Austrália.	Entrevistas semiestruturadas.	Transcrições das gravações em áudio.	Análise temática.	Os participantes consideram tornar-se pai como fundamental para a felicidade futura. Mostram-se envolvidos no conflito ter filhos na idade certa ou nas condições certa e também, na conciliação entre os modelos de paternidade tradicional e atual.
<p>Travassos-Rodriguez, F., &amp; Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade e ambivalência: algumas reflexões. <i>Tempo Psicanalítico</i>, 45 (1), 111-121.</p>	Brasil	Revisão de literatura.	Publicações nacionais e internacionais.	Revisar a literatura acerca dos conceitos de "maternidade tardia" e "ambivalência" investigando a possível conexão entre os temas e as alterações psíquicas do puerpério.	Não especificado.	Não especificado.	Não especificado.	Observa-se a impossibilidade de reflexão acerca da ambivalência envolvida na maternidade na sociedade contemporânea. A opção pela maternidade tardia parece ser acompanhada de uma ambivalência mais intensa, devido à dificuldade de conciliar a nova função com os demais papéis que já se encontram estruturados.